

Angélica Vier Munhoz

COREOGEOGRAFIAS

Angélica Vier Munhoz

Coreogeografias

1ª Edição

Porto Alegre
CANTO - Cultura e Arte
2017

Copyright © 2017 Angélica Vier Munoz

Autora:

Angélica Vier Munoz

Projeto Editorial:

Processo C3 - Wagner Ferraz - Estudos do Corpo

Projeto Gráfico e Layout:

Jessica Krahl
Anderson Luiz de Souza
Wagner Ferraz - Processo C3

Criação e arte da capa:

Anderson Luiz de Souza

Diagramação:

Jessica Krahl

Coordenação Editorial - Editores:

Wagner Ferraz e Diego Esteves

Editora:

Canto - Cultura e Arte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M966c	Munhoz, Angélica Vier Coreografias / Angélica Vier Munhoz. – Porto Alegre : Canto- Cultura e Arte, 2017. 140 p. Este livro é resultado da Tese de Doutorado desenvolvido no Programa de Pós Graduação em Educação na UFRGS. ISBN 978-85-69802-07-5 1. EDUCAÇÃO. 2. DANÇA. I. Título. CDU 793.3 CDD 793
-------	---

Bibliotecária responsável
Catherine da Silva Cunha
CRB 10/1961

Porto Alegre - 2017
CANTO - Cultura e Arte
www.canto.art.br

CANTO - Cultura e Arte

A “CANTO – Cultura e Arte” foi criada em 2010, a partir das experiências e demandas do “NECITRA – Núcleo de Estudos e Experimentações com Circo e Transversalidades”, se focando a produção artística. Atualmente possui registro editorial possibilitando publicar livros, periódicos e diferentes textos em formato impresso, impresso sob demanda, e-book e também disponibilizar arquivos em formato “pdf” para download gratuito, como produções textuais diversas e pesquisas de seus parceiros, convidados e demais interessados. Os temas publicados variam dentro dos campos das Artes e Educação, destacando as artes da cena (dança, circo, teatro, performance...), artes visuais, fotografia, produção cultural e moda atravessadas por perspectivas poéticas, histórias, filosóficas, políticas, culturais... Os projetos desenvolvidos estão sob a Coordenação Editorial de Wagner Ferraz e Diego Esteves e o projeto editorial desenvolvido pelo Processo C3.

processo^{C3}
www.processoc3.com

Estudos do
CORPO
cultura e arte

CANTO
cultura e arte

COMISSÃO EDITORIAL

Dr. Airton Tomazzoni - SMC - POA/RS
Dr^a. Alice Copetti Dalmaso - UFSM
Dr^a. Daniele Noal Gai - UFRGS

PREFÁCIO

Poderia ser sobre o corpo, mas prefere ser em torno de coreografias. Mas não exatamente a palavra que no senso comum diz dos passos de quem dança. Assume o risco de fazer das palavras aquilo que elas não são. Porque nem a Terra, chame-se Géia ou Gaia, é o que dela se diz. O que se escuta nunca são palavras. Tampouco a contagem dos com-passos gestuais em passo-gestos musicais. Todo esforço é dos músculos, mas há sortes que nenhuma virtuose explica. Muitas línguas num português só. O abismo ganha gosto. Prosoemas. Não procure explicações. Defender a dança se faz dançando. As palavras tentam, mas é do corpo que se trata. Sem arguições. Suítes e adágios. Ritmos instáveis fora de bailados. Algo entre o corpo e o tempo que o consome. Tempo incontável, longe dos instantes que tese alguma captura. A dança padece de vagas primeiras pessoas. A dança na grafia da terra. Palco terreno. Vagas primeiras pessoas, que dançam e assistem. Que assistem e dançam. Mas

o estiramento entre as articulações só quem sente sabe. Ver tudo o que a iluminação não mostra. Oito depois, frase que vem e volta. Bailarin títere de si. Qualquer corpo é frágil. O do boneco mais do que o de quem dança disciplinadamente. Quem apenas caminha, ainda que dance, tem menos força muscular. Dobrar-se sobre o umbigo vindo de um arco só para quem é treinado. Nenhuma coluna suporta o peso de muito vinho nas veias. A dança só termina momentaneamente. Obra que se confunde na vida. Caminhante dançarim. Que até mesmo parado vive num balé. De estratos que dançam a superfície de muitas eras. Das células envelhecendo no não avistado dos corpos. Na face sem contorno do verso livre. O que não se dança é raro intervalo. Pausa sem movimento compassado na não espera da Morte. Essa a que todos temos direito e tão pouco nos deixam pensar. Morrer porque assim uma obra requer. *Pas-de-deux* com a figura sombria que não mede a queda, porque a segura. Em todos os estilos e tradições. A Morte, tal qual a Terra, tem muitos nomes. Porém, se todos lotam os teatros onde grandes holofotes inspiram aplausos para Terra, ninguém olha para os cantos escuros onde a Morte compõe a arte que faz o público pela Terra chorar. Como quaisquer corpos, não vivem uma sem a outra. A Morte não dói, por isso é tão fácil quere-la. Porém a Terra, essa fatigante, se finge de Morte o tempo inteiro. E como é a Terra quem sempre nos oprime (mas jamais podemos acreditar nisso porque seus horizontes, oceanos e abismos nos fascinam) pensamos que ela é a Morte. “E recusar a dor parece tão próximo a aceitá-la.” Porém aceitamos a Terra e negamos a Morte. E o mínimo que pode-se fazer é dançar na beirada do abismo. Deixar de ser uma pessoa para se tornar um limite. Para desaparecer numa cena que não narra nada. Um eu que é apenas um corpo outro. Mais um conto de Morte. O que se move, o que faz música, o que

compõe, o corpo desertor da vida que abandonou pela arte. Fatos que não se interpreta. Frases que não vieram para ser analisadas. Versos em gesto. De um gesto se fazem imagens que podem ser muitas. Formas se perdem. Palavras soam aleatórias. O texto, tão cheio de argumentos e razões, se torna leve. As experimentações não temem ser pueris. Quem se importará? O lugar comum é âmago do espetáculo. As cordas que movem os corpos tentam se disfarçar melhor que a Morte. “O corpo dorme apoiado sobre a casa que o sustenta”. Trata-se de um jogo barroco que ganha quem atinge o êxtase. Mas tudo não passa de fingimento porque somente a Morte o dá. Mil mortes para os mil corpos que tornam uma vida o que essa vida é. Sem roupas, sem nudez esculpida, sem fotogenia preparada. Vida amarga que a Terra expõe. Vida que pensamos poder olhar nos espelhos. Enquanto o pé sangra por dentro da ponta que esfrega no breu. Sem remorso. Numa dor que pintura alguma mostrará. Quando o pensamento é exatamente aquilo que fremente no quadril. Pensar outro que não cabe na palavra. E num esforço que se perde para apenas ganhar força achar, justo nas palavras, seu número. E então dança na escrita. Sem dissolver o corpo em corolários densos. O pensamento em giro, o pensamento cujo conceito não se mantém em pé porque constantemente se move para verso. O que dura é vibração. Deslizar é o mais importante. “Um pé bem colocado diz mais.” Mesmo que massacre lancinante os dedos. Pois é desígnio do corpo abandonar-se a todo tipo de volúpia. Tanto as das chuvas quanto as do vento. Os humores climáticos no corpo, dos anis ao gris dos dias irrelevantes. Pensar dança é pensar a terra em seu acasalamento com a morte. Na cópula imperceptível que vem engendrar os limites do corpo. Tudo pode ser abstraído. Contudo na hora forte do andamento ninguém consegue ignorar um osso. Ossatura

que risca o chão. Osso gráfico. Destarte a fome, permanece. Exausto. No esgotamento que somente o mais duro do corpo é capaz. A dureza do poema que nenhuma beleza rói. Na busca dos deuses, nas conjurações dos demônios, o risco se faz riso, a mesura um salamaleque, as escolhas suspeitas. Nenhuma melodia poderia ser alcançada. Por mais que varie, o que canta não conta. Os sentidos não tem camadas. As mulheres nem sempre tem cama. Crianças preferem brincar. Famílias apenas jantam. A geografia não tem adeptos. O estudo nunca é atingido senão pela própria respiração e o que o corpo, em sua insistência, ensina. O que o corpo em signo traça. Pois é o corpo que faz o plano. Corpo geometrizado no espaço em que dança. O corpo se excede, mas também enjoa e intimida e estala. O que redundando nos encontros é aquilo que por falta de opção, se repete. Em desconfortos construídos e compartilhamento de asperezas. No reconhecimento das delícias e no acariciar regenerativo. O corpo em seus tecidos dobrados. O corpo ama aulas de balé. O corpo de repente não quer mais nada. O corpo acabado no cansaço pouco dançante das tarefas. Corpo de concavidades que pouco perguntam. Corpo estrangeiro que perde o significado do som. No vigor do sonho, as pinturas encantam. No refugiar das ruas, os cheiros emanam sensações que o escrever nunca comportará. Nos livros mistérios que jamais serão decifrados guardam tudo o que fica entre o que não se pode dizer e aquilo que quem escreveu disse. O tempo é de quem lê. A cidade vive por quem teve a graça de explorá-la. A diferença é dos que nada conseguem. No corpo que falece o tempo explora aquilo que nunca foi imaginado. Há outros que é melhor não ser. Amar não se escolhe. Os avisos sempre vem do corpo. A Morte fica quieta porque não tem medo do escuro. O silêncio tagarela cansa. Um segundo pode ser

um luxo. Pássaros fazem melhor que gente. Rãs são ignoradas. Um domingo precisa se estender a ponto de impedir uma segunda-feira. Uma flor não quer dizer nada. Sereia é quem só dança na água. Véus são planos que dançam. Serpentes são corpos em linha que fazem alguns tipos de cabelo. Carnaval não falta. Cortinas mofam. Ondas expressam tudo. Toda dança da Terra do cume mais alto até a mais fossa profunda. Terra que ganha da Morte porque assume palavras roubadas para fantasiar aquilo que apesar de ser, jamais será porque não é.

Paola Zordan

APRESENTAÇÃO

Coreogeografias é o resultado de uma tese de doutorado, escrita entre 2006 e 2009, sob orientação de Tomaz Tadeu da Silva, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Durante o período de pesquisa percorri os rastros de alguns coreógrafos, mas também filósofos e literários que, de alguma maneira, aproximaram-se ou centraram seus estudos na dança. Com os bailarinos, coreógrafos vanguardistas, criadores de movimentos, dancei alegremente; com os filósofos

aprendi a pensar a dança; com os literários rabisquei linhas dançantes. Assim, Nietzsche, Deleuze & Guattari, Barthes, Valéry, Mallarmé, Jérôme Bel, entre outros, forneceram-me subsídios para pensar a dança enquanto movimento de vida.

Durante o ano de 2008/2009, realizei estágio doutoral na França, com apoio da Capes. Estudar a relação da dança com o pensamento e a escrita na UFR Arts, Philosophie et Esthétique, Université Paris VIII, sob a orientação de Mme Isabelle Ginot, constituiu-se no desafio inicial dessa proposta. Os seminários de estudos foram potentes para pensar o processo, enquanto o rastreamento de ensaios e espetáculos, percorrer bibliotecas, exposições e laboratórios de dança tornou-se uma estratégia fundamental para colocar-me em experimentação e afecção à encontros inesperados com textos-corpos-sensações.

Nos Laboratoires d'Aubervilliers e no Centre National de la danse, deparei-me com as obras do coreógrafo francês Jérôme Bel e passei a percorrê-las intensivamente. Compreendi, então, que a dança, em si, não interessa à Bel, ela é apenas um instrumento que permite experimentar as intensidades do mundo. Tomando Roland Barthes como uma importante referência em suas obras, Bel afirma, "A escritura e o silêncio em 'O grau zero da escritura' me dá a certeza que eu não estou sozinho" (BEL, 2002, s/p). Com Bel, começava a pensar a dança pelo seu "grau zero".

De setembro a outubro ocorria o Festival d'Automne, em Paris, o que me possibilitou a experiência de apreciar inúmeras exposições e espetáculos. Nesse período, frequentar o Centre Georges Pompidou tornou-se parte do meu itinerário diário, pois era lá que grande parte do festival ocorria. Foi assim que num desses dias, inesperadamente, entro no Pompidou e deparo-me com a exposição do artista surrealista, Hans Bellmer.

Os corpos dilacerados de la Poupée provocaram efeitos devastadores em mim. Retornei à exposição por muitos dias.

Em uma fria noite de inverno fui assistir um espetáculo de dança na Opéra National de Paris e considerando os valores dos ingressos e a minha condição de estudante, comprei um ingresso que me colocava na última fileira da plateia alta. Na minha frente havia um imenso e antigo lustre que ofuscava o meu olhar e não me permitia ver o palco. Indignada, ao voltar para casa começo a folhear Crayonné au théâtre, de Stéphane Mallarmé e encontro "Único princípio! E tal como resplandece o lustre, quer dizer, ele próprio, a exibição pronta, sob todas as facetas, do que quer que seja e nossa visão adamantina, uma obra dramática mostra a sucessão das exterioridades do ato sem que nenhum momento mantenha qualquer realidade e sem que se passe, afinal de contas, nada" (Mallarmé, 1961, p.296). Adentrei nas leituras de Mallarmé e também em Paul Valéry, pois ambos produziram textos voltados para o pensamento da dança. Para minha alegria, em 2010, Tomaz Tadeu (meu orientador de doutorado), publica a tradução de "Rabiscado no teatro" de Stéphane Mallarmé.

Flanar em Paris permitiu-me fabular. Comecei a prestar atenção aos movimentos e a perceber os lentos deslocamentos, a velocidade dos ventos, os fluxos e ritmos das águas, o balançar das árvores, o andar dos transeuntes. As variações, ainda que mínimas, se compunham em uma repetição de intensidades, gerando novas expressões. Tais movimentos passaram a ser percebidos por mim como gestos dançados e a partir dali, nada mais escapava de um olhar atento.

Tomada por essas e outras experiências, de volta ao Brasil, retomo o processo de escrita da tese e a passo a escrever por fragmentos. Cada fragmento é um ensaio a partir

de uma imagem, uma ideia, algo vivido, experimentado. Lembrando Barthes, “sob forma de pensamento-frase, o germe do fragmento nos vem em qualquer lugar: no café, no trem, falando com um amigo (surge naturalmente daquilo que lê diz ou daquilo que digo); a gente tira então o caderninho de apontamentos, não para anotar um ‘pensamento’, mas algo como o cunho, o que se chamaria outrora um ‘verso’” (2003, p. 109).

Nesse possível de encontros, articular a dança e a educação também compuseram o processo dessa escrita. E tal aproximação se justifica primeiramente, pois é em meio a esse campo-matéria-educação que me encontro. Mas também, por acreditar que um corpo, em meio à dança, é capaz de se afastar do adestramento, do enrijecimento e da servidão imposta pelos estriamentos da escolarização e efetuar suas próprias variações e produções de sentidos. Afinal, dançar é pensar com o corpo, pensar em movimento, e nessa medida, produzir dinamismos espaço-temporais que permitem ao corpo escapar de sua própria saturação e dos esgotamentos de seus possíveis.

Assim, o texto que aqui se apresenta busca experimentar-se, tal qual se experimenta um corpo em um espetáculo. Suspira suas sensações e dá voz aos momentos que transbordam. Movimenta-se pelo palco de uma página que se escreve em vida e que deseja a alegria de também poder dançar.

Angélica Vier Munhoz



Coreogeografias

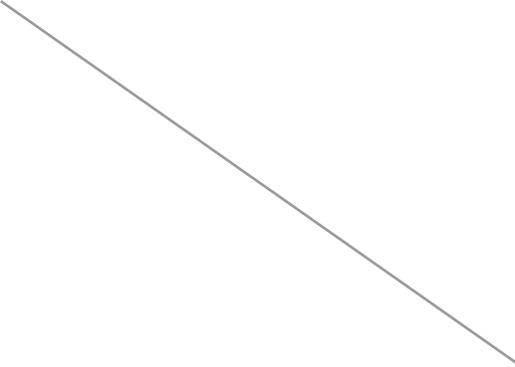
Angélica Vier Munhoz

LISTA DE FIGURAS

Figura 1, 2 e 3 – HAYTER, Stanley-William. Arabesques. Fonte: LAMBERT, Jean-Clarence. **Poétique de la Danse d'Eurípides a Lorca**. Paris: Falaize, 1955p. 33, 37 e 107

SUMÁRIO

I PRELÚDIO	33
II SUÍTES	37
1.....	38
2.....	56
3.....	68
4.....	76
5.....	86
6.....	96
7.....	100
III ADÁGIOS	106
1.....	108
2.....	114
3.....	120
NOTAS	126
REFERÊNCIAS	128



Ao Marcelo
À Gabriela, Giovana e Nathália
Ao Francisco, ainda por vir





*Mais la danse, se dit-il, ce n'est
après tout qu'une forme du
Temps, ce n'est que la création
d'une espèce de temps ou
d'un temps d'une espèce
toute distincte et singulière¹.*

Paul Valéry

*Commencer de dire des vers,
c'est entrer dans une danse
verbale²*

Paul Valéry





I
PRELÚDIO

[1]

Como está claro o dia! Sinto-me leve. Os braços soltos. As pernas estiradas. O olhar desviante. O corpo, enfim, relaxado. Posso criar muitos gestos desde que a minha visão se una ao toque das plantas dos pés, como se as pupilas pudessem tatear e as plantas dos pés fossem capazes de ver. Ao redor do corpo e de suas múltiplas bifurcações, estremecem tempestuosos ventos e centelhas são lançadas no volume azul. Em exaltações infinitesimais, o verbo advém da retidão inquieta do corpo. O equilíbrio é perdido em minúsculas elipses.

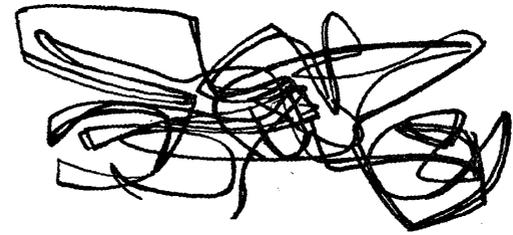
Repentinamente sou tomada pela sensação de que seguir seria arriscado demais. Obstino-me aos riscos. Antes que meu corpo se encolha e meu espírito se encha de sabedoria, sou acolhida livremente pela cálida brisa e pelo gostoso sol dessa tarde de agosto. Mesclo minhas margens íntimas e os afectos se multiplicam interiormente. Há certamente outras palhetas que vibram nos contornos dos ventos.

Com efeito, jamais vi nuances tão suaves ou harmonias tão secretas na impermanência do universo. Um equilíbrio corpo a corpo, igualmente sereno, deve embeber da absoluta perfeição do acorde ao fim de uma sonata.

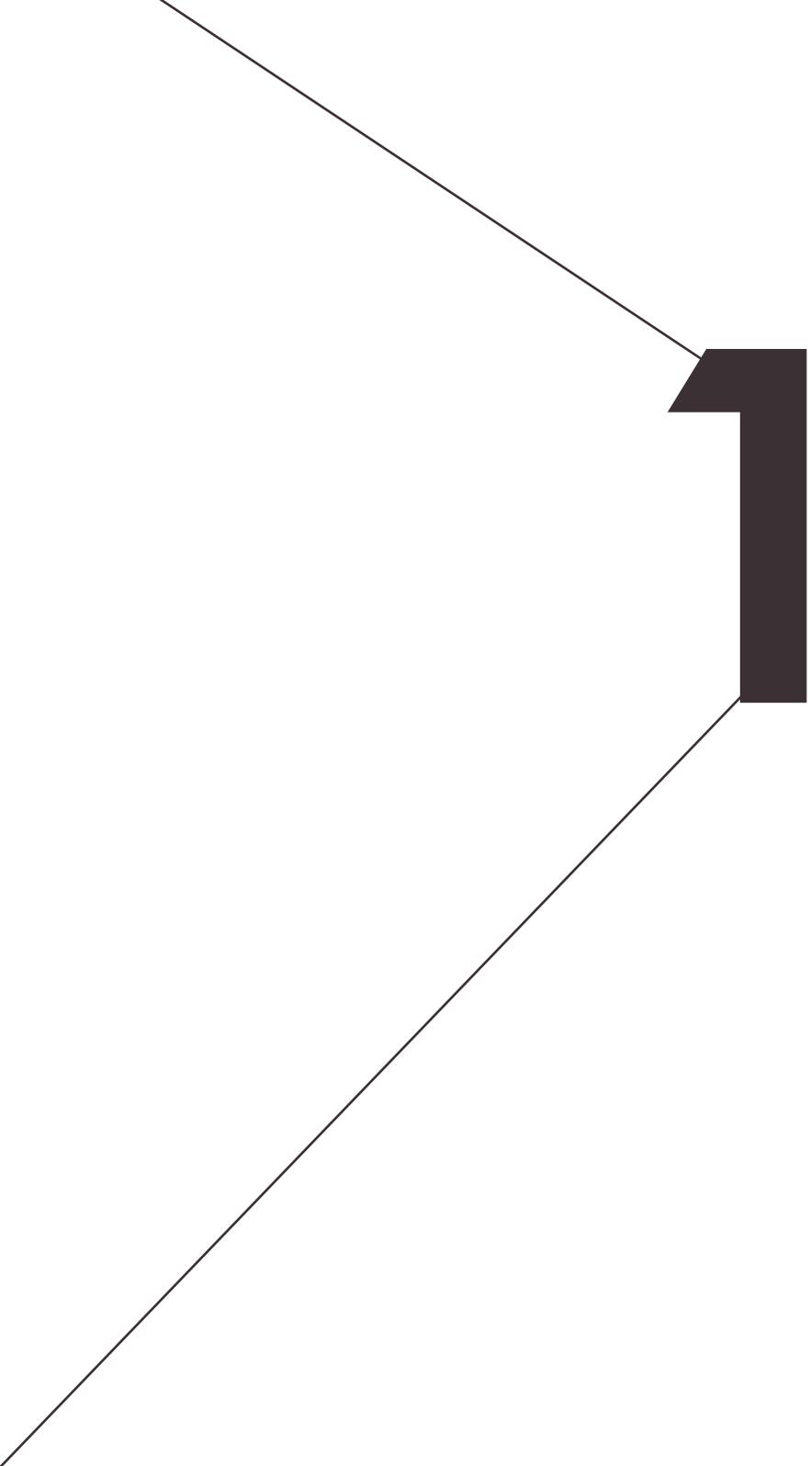
Meu corpo se agita, meus pés tocam o solo, meus cabelos se ouriçam. Mas a vida inteira também se move: as plantas florescem, as ondas rebentam, as algas flutuam. E a vida pode tantas coisas que até os deuses se espantam com isso.

Fim de tarde. Começa a chover. Gotas pesadas, esparsas. Depois, mais finas. A água

se avoluma e despenca rua abaixo com força vital. Por fim o ar límpido clareia as minhas idéias nascentes. Escuto meu sangue, meu corpo, minha potência. Entrego o corpo à linguagem e a escrita desvanecida inicia-se pelas beiradas do fim do dia.



II
SUÍTES



[1]

No começo, curiosidade de me ver, mas depois não mais. Agora é o desejo de me ver no outro. E algo acontece: o passado de minha execução coincide com o presente do outro. E eu me confundo. Eu e o outro. Um certo mimetismo, esse conhecimento misterioso transmitido de um a outro. Todo o corpo não é mais agora aquele que se vê sob o vidro límpido da água.

[2]

Diante dos meus olhos a dançarina desenrola a sua dança. Desarmo-me, renuncio e deixo-me seduzir pela sua poética. E tudo parece indicar que o invisível da invisibilidade está ali, desvelado e desconhecido, estranho e disforme. Como que em uma mistura de corpos eróticos, nada é um sem o outro. Implicada no corpo da dançarina sou absorvida em sua plenitude e sinto-me perdida em seus delírios. Com que deleite, com que regozijo consolo o meu espírito. Extasiada me calo diante de tamanha sedução.

[3]

Uma vontade me toma. Quero tornar-me o espectador de mim mesmo. Inventar o meu próprio espaço de mim. Talvez precise encontrar uma linha abstrata que trace o movimento no espaço e não no corpo que o percorre. Mas a cada instante que eu danço, toda a experiência da minha vida é potencialmente visível. E no limite da experiência corporal vejo a minha própria matéria tornar-se perecível.

[4]

Se você soubesse tudo o que vejo. Tudo o que sinto. Meu espírito se alvoroça e não me deixa descansar. Preciso respirar. Só um pouco. Às

vezes falta-me fôlego. Tenho a sensação de que não consigo mais pensar ou que o pensamento torna-se alguma coisa tão somente corporal. Com pés bailarinos pressagio o gozo diante da potência inatingível.

[5]

De meu lugar na plateia vejo o palco. E também o lustre. Talvez mais o lustre do que o palco. O que sei é que o brilho do lustre ofusca o meu olhar implacável. Fixo os instantes súbitos que mostram em si a própria imagem nebulosa. Percebo que o meu olhar é de uma pessoa primitiva e talvez também o lugar. Desnudado de mim nada mais vejo.

[6]

Quase um palco. A coreografia materializa um traço. Uma antologia de passos semelhante à abertura de uma ópera faz com que cada passo pareça ser o movimento da ópera inteira. São movimentos e melodias o que se escuta. Um jogo de astúcia.

[7]

Encontro-me no meio. Sentado entre duas pessoas. Estranha sensação de que o meio parece disputar entre si o que sou. Talvez eu seja um estrangeiro de mim e já não mais me reconheça. Sinto minha presença ausente e isso me dá um sabor abismal. Sabor de sombra. Sempre gostei de perseguir a minha sombra e nela desaparecer.

[8]

Uma noite de espetáculo é uma noite engrandecida. Chego mais cedo e vislumbro a atmosfera do teatro. Há no ar um perfume cujo odor afaga levemente. Isso é primoroso!

E muitos estão lá. E um se percebe sem nunca querer saber o que é. Tão próximo a um sonho! "Aima-je um revê"³²?

[9]

O fascínio me cega e impede um pensamento. Enxergo desenhos feitos por nuvens no horizonte. Depois formas amolecidas, desamparadas. O corpo ofega. De tanto ofegar o que era orgânico soa marítimo e o orgânico talvez soe mecânico. E na calma da noite, os olhos fecham. Pesam e fecham.

[10]

O tempo inicia-se lentamente adensando-se à noite. Vejo um bailarino exprimir enormemente seus gestos sem quase nada fazer. Vejo o que não se pode não ver. Cada corpo no seu limite é a sua luz cegante. E o gesto torna-se absoluto e sem artifício. O corpo vivo mal se distingue do corpo sem forma e tudo se realiza numa espécie de incidência vulcânica.

[11]

O que vem a seguir não poderia ser inesperado. Diante de veladuras e opacidades, diante do lúgubre da noite, o palco se abre no sol de outras paragens. Os corpos falam uma outra língua, como se fosse possível cortejar uma saúde.

[12]

No piano toca-se Bach. Um jogo entre o que se vê e o que se ouve. Entre escuros e claros, azuis e dourados, uma dança celebra a cinestesia da vida. Nos fluxos contínuos, a suspensão de sentido. Cada nota é tocada visualmente no corpo bailarino como se houvesse mais passos do que notas. Os tempos da música parecem

se multiplicar em diabolismos de braços e pernas. E Bach ressoa em meus ouvidos com uma suavidade estridente.

[13]

Vi e revi muitas vezes e a cena em nada perdeu seu impacto. Era um *pas-de-deux* em que cada gesto de tão absoluto se evanesce. E a platéia, eu via por meio dela, era tomada pela emoção daqueles corpos nus. Um gostoso momento distanciava o eu de mim mesmo e o si de si mesmo em uma plenitude desmedida.

[14]

Fria noite de inverno. Consolo meu espírito entrevendo criaturas estranhas cujos gestos parecem pêndulos ondulantes. Em tal mecânica lírica encontra-se o raro equilíbrio entre o peso do corpo e suas potencialidades de leveza. Deito na cama e escuto a trama dos fios que conduzem as marionetes de Kleist.

[15]

O público escuta em silêncio as adoráveis evoluções da dança. Encenado em um vertiginoso jogo de aparecimento-desaparecimento, eis uma combinatória de delicados elementos: elimina a brecha, preenche o vazio, rasga os véus. A plasticidade dos corpos, a lentidão das mudanças, a uniformidade da linha dissimula uma profusão de detalhes vibrantes.

[16]

Tu exalas em mim a ausência de ti e te ver faz nostalgia em mim. Sigo os olhares que te levantaram voo e escuto a minha fragilidade. Será que adormeci? Talvez eu consiga renascer ainda. Em meio a um suspiro e outro, abro a

janela para ver o luar. Penso: "*Le plaisir de danser dégagé autour de soi le plaisir de voir danser*"⁴.

[17]

O final do espetáculo. O fim de partida da dança. Não existe aí senão uma fantasia que se dissimula na repetição infinita entre o já dançado, o já visto e o já dito. Tudo procede na extrema resistência de fazer morrer a sua própria consciência.

[18]

A sua consciência corporal me impressionava. E também a sua capacidade de transformar o mais simples dos movimentos em explosões coreograficamente irrepreensíveis. Não lhes chega o nome e o desejo e só há lugar para o espaço vazio que ficou por preencher.

[19]

Umabelíssima figura em uma notável presença no espaço. O seu corpo negro distanciava qualquer exotismo ou fetichismo, aproximando-o de uma figura terrena. Uma singeleza desarmante! Nada tão simples e complexo quanto isso.

[20]

Uma sensação estranha estar no meio de tantos imortais. Como se minha existência fosse assim, tão meramente banal. E em meio a tantas obras e artistas é impossível não se sentir assim: meramente banal. E de tantas coisas muitas não se vê ou não se consegue ver ainda, mesmo que a força das obras te absorva inteiramente. É provável que tenha que se ficar longamente diante de uma obra e recomeçar tudo de novo desde o início, muitas vezes. Mas quando a imaginação vai longe tudo se torna genuinamente comovente.

[21]

A voz rugosa era a extensão de sua pele envelhecida, coberta de cicatrizes e sinais. Mas não tinha medo da morte. Tinha medo de não mais ser. De avistar sob os pés trôpegos um abismo infinito. Sobretudo, o medo da indiferença o atormentava. Para onde iria todo aquele saber acumulado em seu corpo por centenas de anos? Ela não sabia. E tampouco sabia se algo de si ficaria. Às vezes sentia uma ameaça de dissolução. As incontáveis lembranças já lhe escoavam. E como último alento, pensava: a derradeira travessia farei com os pés dançarinos.

[22]

Ao cair da noite, o cortejo ri da certeza da morte. Ri da própria morte que o faz passar para outra condição. E não lhe dá a menor possibilidade de saber o que é. Com o riso vence o horror ao seu destino e já não se desvitaliza pelo corpo ser mortal. E o desejo de glória o faz crer na imortalidade.

[23]

Morre-se várias vezes em vida. E a imortalidade tem seu peso. Deixar atrás de si algo cujo destino desconhece. Doravante, fica-se face a face com o destino. E em seu torno ouve-se um silêncio esmagador.

[24]

Terça, 30 de junho de 2009. Ela não sabia. Ninguém nunca sabe. Não enumerava as páginas do tempo. E foi assim, de repente. Como o vento que sopra em dissonante calmaria. O caminho não era desse mundo. Talvez ela também não fosse. Assim, partira inteira. Não untada de óleos e bálsamos. Eviscerada. Irreal como as noites claras de luar.

Na escuridão da noite, entre lampejos delirantes, em meio a 8000 cravos encontrava-se. Talvez os mesmos que em sua obra⁵, acariciavam-lhe o corpo. Pina Bausch.

[25]

Tão incansável vê-los. Sempre o mesmo e outro. Em cada espetáculo esborrifavam os códigos em vigor para fazer borbulhar a inventividade.

Assistiu-se o último. Ou talvez o primeiro.

Era preciso adentrar na viagem densa para entrar na dança. Subitamente o mais inesperado podia acontecer. O corpo viajava no universo cênico investido de som e luz. O átomo e o digital dialogavam em ruídos. Um espaço perdia a noção de lados, dentro e fora e o chão tornava-se abissal. A movimentação de tronco de um podia ser acoplada às pernas de outro numa esquizofrenia turbilhante. E tudo parecia tão inumano como se o mundo terminasse ou iniciasse ali, naquele instante. Ou como se tudo não passasse apenas de uma soma de moléculas. Cage e Cunningham.

[26]

O Japão e a dança. Um espaço intemporal. Em presença de pouca luz, o belo bailado do teatro Nô purifica o rosto de toda a expressão tal qual um líquido lavado de sentidos. Quase um haicai amplificado, o diagrama compõe-se ao ritmo de um poema dançante. Talvez aos ouvidos ocidentais pudesse soar como um canto gregoriano. “Antes devolve-me o manto: como sem asas dançar?”¹⁶ Um pensamento é concebido no corpo inteiro em um relevo arquitetural. A arte de conduzir o corpo entre canto e ritmo anuncia um certo estado de

sonambulismo. E entre sono e sonho, uma longa duração.

[27]

O botão e o Japão. No vazio de um texto-escritura um corpo em estado de fragilidade e degeneração instaura uma estética da morte. Atrelado à terra, o rosto branco, os olhos em êxtase, o gesto brota do corpo virtualmente morto. Experimenta a morte e transmutado renasce a cada instante como planta, inseto ou rocha.

[28]

Ela vibrava com suas cores em uma composição plena de força e plasticidade. Entre a figuração e a abstração veiculava a imagem do moderno flamenco. Cabelos negros e olhos de fogo a dançarina espanhola ardia em flama, ágil e fremente. E no tablado, as castanholas de ébano vibravam com emoção patente enquanto as saias balançavam brandamente.

Uma *gitana* desprovida de qualquer moralidade, sem remorso ou piedade, enfeitiçava os homens em atormentada perdição. E alucinados pela paixão tais homens bravavam ardilmente.

Com um buquê de cássias no canto da boca e os ombros desnudados pela mantilha, ela respondia a cada gracejo após seus inúmeros volteios.

Performance graciosa! Entre cor e melodia, lugares sombrios e agourentos, trama a originalidade da ópera de Bizet. E intempestivamente Carmen vive.

[29]

Em delicada osmose, o corpo e o *Corpo*⁷ se misturam. Ora o *corpo* ensina. Ora o *Corpo* aprende. Uma linguagem íntima e colore a mobilidade concreta dos corpos e o *Corpo* aplaude tal façanha. O *Corpo* tem seus ritmos. Neoclássico. Barroco. Um movimento rígido, um gesto solto. Brasilidade fragmentada nascida da livre experimentação do corpo no chão. E com sensualidade descomedida, o *Corpo* transfigura os corpos em inacabadas reticências.

[30]

Uma vertigem! A estranheza da experiência tornava-a quase indescritível. Os olhos espalham o desejo da beleza. Em múltiplas facetas, o corpo nu simula delírios alucinatórios. A visão turva, febril, desviante. Passa-se de um modo maior a menor, torna-se abstrato, minúsculo, dificilmente identificável. Uma sequência de modulações imperceptíveis extrai a presença. Até o ponto em que nada mais se move e o corpo torna-se apenas a produção de um pensamento voyeur.

Jérôme Bel e Xavier Le Roy.⁸

[31]

Durante dias de outono, um coreógrafo mostrava sua obra. Uma obra menor. Uma peça menor. Pouco se compreendia a narrativa inexistente. Sentida era a emoção que pulsava pelo corpo com tamanha intensidade. De tal forma, também a precisão da consciência do corpo em movimento palpitava veemente. Quase sem nada fazer, era capaz de exprimir-se enormemente. Como forças flutuantes suscitavam uma longa atenção. Ademais, via-se a vontade compor-se com a estranha sensação de liberdade. *L'Après-midi*.⁹

[32]

Às vezes sem palco, cortinas, figurino. Apenas corpos dispostos no espaço. Seus gestos lançados ao infinito – circular, bifurcados, diagonais – do centro à borda da borda ao centro. Ora movimentos e cortes disruptores, ora gestos triviais e outras coisas que já não são mais triviais porque se misturam aos ritmos, velocidades, deslocamentos e percorrem linhas imaginárias. Suaves linhas imaginárias e também bruscas. Muito bruscas.

Algumas vezes sem sonoridade ou ainda ininterruptamente um som começa a pulsar surdamente. Maquínico, vibrante, ofegante.

Outras vezes ainda um corpo finge-se de inerte, arrastado pelo chão ou sustentando outro no ar sem peso e solenidade. Um entra em cena pelo ar ou ainda permanece imóvel por um longo tempo. Truques de mágica ou segredos guardados pelos deuses?

Muitas vezes os movimentos se misturam. Linhas se cruzam simultaneamente e os corpos... Ah, os corpos gozam do prazer de estarem juntos!

[33]

Então eu danço. E digo que a minha própria existência passa a desaparecer na concretude do movimento. E o corpo torna-se o próprio material. Na resistência do solo, na maleabilidade do espaço, escuto o sopro de uma sinfonia. Então eu danço!

Nasço de dentro da minha dança. E no meio dela me diluo. No defluxo do indizível meus passos devêm signos flutuantes. Faço ensaio de mim. E o calor do sangue abastece-me como a água reluzente que repousa sobre a terra.

[34]

Encontro-me em meio a corpos fadigados. Uma vida ondulada aos ritmos do corpo. E recusar a dor parece tão próximo a aceitá-la. Incansável, o corpo não se rende. E em condições ínfimas compõe suas forças com o que lhe resiste. E assim, torno-me tudo aquilo que a dor fez de meu corpo.

[35]

Insurjo de um estado embriagado e brinco de exceder o limite. O equilíbrio é instável. O limite, lugar de transmutação. Surpreendo-me em movimentos sinuosos que ao cortar o tempo, transfiguram o pesado em ligeiro, o sólido em leve, a forma em vertigem. E a vida irrompe sob uma certa obscuridade. Mantém-te em cima de um fio que se estende sobre o abismo?

[36]

Estou a bordo de um veleiro. Exposto à terra-mar, aos ventos e fluxos marinhos, navego. E sobre as ondas, o vazio livre e leve é o meu leme. O infinito é alcançável? Me estendo e distendo para alcançar o infinito de mim mesmo. Ele me escapa e escapa também o meu norte.

[37]

Subitamente traço no espaço um gesto que se desfaz no imperceptível. Depois, suspenso por um instante, passado, presente e futuro se acedem em um estado celeste. O gesto então se repete e se eterniza. A dança vira carne que se ensombra.

[38]

Transportado por uma paixão, arrasto-me de cá para lá, de lá para cá. Longe de mim encontro outros lugares. Aqui, reencontro a mim.

[39]

Sinto-me tão impessoal. Olho-me e me estranho. Seria a animalidade o meu reino? Essa força impessoal me atormenta. E no silêncio busco a música de meu corpo. Tudo dura apenas a fugacidade de um instante. Devoro-me por dentro a cada respiração variante. Há um outro em meu corpo que não seja eu? Acho que estou na passagem instantânea entre eu e o outro.

[40]

Por vezes, estranhamente, me perguntava pelo fato de ter me tornado uma dançarina. Etambém perguntava sobre minha deserção. Desde cedo percebia a diferença quase dolorosa entre a forma e a matéria. Nesse mundo ornamental passa-se de uma suntuosidade a um teatro. E todos se empanturram de jubilação orquestral.

[41]

Enfim livre dos bailados!

[42]

Ah, estou abandonada de mim! Ofereço a não importa quem uma imagem de algum impulso meu. Amava o deserto e o mar. E pintava todas as paisagens possíveis. Pintava movimentos. Escrevia silêncios. Mas não há mais ninguém aqui. E agora há alguém. Fui enfim encontrada. Minha vida está gasta agora. Estou cansada e quero parar. E em seguida quero seguir. Talvez fosse preciso dizer que há muito tempo percorro a mim. E já me encontrei em gestos, voltiges e saltos. Resolvo dar mais um passo.

[43]

Não há ninguém além de mim neste palco. Sinto-me num mundo imaginário. Esqueço todo

o saber e meu pensamento soa vertical. Este lugar vazio tem um gosto leve. O calor exala do chão como se a platéia estivesse presente. Fecho os olhos enquanto giro. Giro, giro, giro. Giro cambaleante em torno de mim. E o palco se abre no sol de outras paragens.

[44]

*Avec le ciel à ses pieds
Elle va dansant
Vingt et deux piruettes
L'image aussi belle!*

[45]

Eis que a dança torna bela toda a mulher! Todavia a paixão. No movimento delicioso do desejo, uma e outra inflamam o corpo. Forte como as forças interiores transbordam alucinadamente.

[46]

Serei eu essa coisa que mostra o seu próprio ser ao esvaziar-se de todo significado? Torno-me tão translúcida ao renunciar ser intérprete de mim. Um pássaro me habita e começo a voar. Tenho medo de perder-me no meu distanciamento. Então danço e a dança me leva para um mundo intermediário. Nele nada existe senão um infinito de gestos.

[47]

"La danseuse n'est pas une femme qui danse".¹⁰ Será então isso? Essas claras-obscuras dançarinas saboreiam a realidade carnal ou seriam elas veículos de flutuações e devaneios do espírito inspirado pelo movimento?

[48]

Um pintor de bailarinas! Diziam que era um

homem de caráter indócil. Nos seus traços buscava a limpidez. Nas figuras, a precisão do corpo rabiscado com lápis ou pincel. No crepúsculo, misturava tintas e solventes, cozinhava os tons, esfregava e mudava tudo. Em suma, dançava com suas musas.

[49]

Uma metamorfose realiza-se em toda dançarina. A imagem aparece-desaparece estalejando de seus pés. Sem nenhum cenário se sucedem todos os elementos de uma paisagem apaixonante: a rosa dos ventos, o sobrevoo da água, o horizonte cintilante.

[50]

Escuto a tua fragilidade diante de mim. E tu me escutas. E no encontro meu e teu, na osmose de nossos entre-corpos, a dança se desvela. Sem forma e sem língua o corpo, agora apenas um, se faz gesto no ardor do espaço. E abandona-se a si por algum tempo. A ti abandona-me também.

[51]

Tudo é tão leve e tão vivo no êxtase do movimento. O peso da carne torna-se quase imperceptível. O corpo se estira até o extremo de si e a gravidade clama pela horizontalidade. Com deleite o corpo se supera. E se experimenta divinamente.

[52]

Quero dançar sob o irresistível canto das sereias, da luz faiscante à sombra vaga, do nascente ao poente, dos céus diurnos aos noturnos. Em qualquer matéria cósmica procuro um lugar onde se possa existir. Agito-me então num ruidoso mergulho corpo a corpo com a corda que estico no impossível de mim.

[53]

Em terras estrangeiras fascinavam-me os corpos barrocos. Em suspensão e voos, curvas e recurvas suas dobras os levam ao infinito. Dobra sobre dobra. Dobra entre dobra. De vento, de água, de fogo. Dobras dançantes. Irregulares sem tangência de limite. Sem destino em meio a paisagens.

[54]

No mais alto da festa, quando as solidões se abrem às misturas e as paixões lamentam suas flâmulas, os corpos são revisitados pelos deuses. E enquanto os clarões se cruzam, os deuses os convidam a uma condição gloriosa: tornar-se um ser de luz e de beleza.

[55]

Antes do nascer do sol, o corpo insaciável procura Dioniso nas montanhas. Lugar propício aos mistérios. No cortejo, com delicadeza divina, dançam ditirambos e de farto vinho se inebriam.

[56]

Epitáfio de uma dançarina:

*"Ô terre, sois- lui légère. Elle a si peu pesé sur toi."*¹¹

[57]

Com frequência o meu corpo dançava. Sem sombra de cansaço e com robustez os gestos se prolongavam interminavelmente. O corpo suado respirava um perfume de potência. E transbordava em plenitude!

[58]

A solidão do palco. Ele escutava a si como se sua solidão estivesse acompanhada. Seus

lugares secretos, seus sonhos, suas memórias nos quais reinava uma espécie de obscuridade, de grande calma, de profundidade. Como solista dançava sua solidão em uma virtuosidade sem descanso, sem parada, sem retomada de fôlego. Todo o corpo aparecia numa modéstia fundamental. Cada momento do tempo resultava em evento de mistério e profundidade. Ele nada anunciava. O desafio e a elegância tornavam-se ato em uma experiência interior. Com deleite, guardava-se em reserva até o ponto em que explodia em desmedida. Suave momento de alucinação rítmica! Ele reunia suas noites sob a luz da cena e transformava as claridades espectadoras em noites moventes aos ritmos da dança.

[59]

Um jogo de procura do outro. Ele acorda de um sono pesado. Ela persegue-o. Ele a repudia e rompe o espaço em sequências fisicamente exigentes. Gestos intempestivos se agigantam para lá de si mesmos. Corpos pesados encontram no movimento uma leveza inesperada. Rostos endurecidos atravessam sem piedade o palco. E tudo parece acontecer em uma curiosa mistura de sensualidade e gravidade.

Agora a força dos movimentos interiores ressoa no corpo alheio tal qual um jogo entre escuta extrema de si e do outro. Por um instante, pensamento e sensação parecem se confundir nos corpos despojados. É quando tudo recomeça para não ser esquecido na coexistência visível de mínimas diferenças. Depois, em uníssono, os corpos se dissolvem em uma mesma intenção.

[60]

Foi o último. Depois desse nunca mais pisei no palco. E as lembranças me aparecem como cinzas. Isso porque a única vida de um espetáculo é o presente. De resto são reminiscências de um passado já morto. Essa temporalidade provisória que se desfaz numa erosão. Mas o vivido faz marcas no corpo e meus pés desvelam a sua intensidade. A força da experiência volante atualiza o presente.

Lágrimas me vêm rapidamente aos olhos quando, fora de mim, vejo rir e correr vidas que correspondem tão exatamente aquela que nunca deixou de em meu corpo dançar. Mas agora saboreio mais a obscuridade do que todas as cores, mais o silêncio do que todas as músicas. E a solidão me nutre e me acalma mais do que qualquer luminosidade.

2

[1]

Caminho suavemente sobre um solo que ora me parece familiar, ora me causa tamanho estranhamento. Sigo verticalmente tal qual o *homo erectus*. Os riscos, mal os conheço, e mesmo assim prossigo numa certa prudência. Apanhado pela neve, inflamado pelo sol, orvalhado pela chuva, entrego-me à fadiga. O olhar vivo de um organismo quase morto garante sensações corpóreas.

Percebo então o meu corpo dividido: de um lado pele e olhos, músculos e ossos; no outro a minha voz que ecoa sonora. Talvez um fosse a imagem maldita de meu corpo, o outro o gozo.

[2]

Encontro em minha vida muitos corpos. E todos talvez sejam somente um. Um corpo só, ele, um pedaço de mim. E em pedaços tudo se liga ao corpo. Ausente, impessoal, forasteiro, o corpo, enfim, se desfaz em sua desordem. Marinheiros, naufragados na imensidão das ondas, emaranhados no êxtase das trepadeiras, o corpo oferece-se como paisagem. Cada acidente, um incidente. Paisagens tornam-se gozo na fruição estética.

[3]

Tenho um corpo. E esse corpo nunca é meu. Algo do invisível invade o visível e se manifesta concreto. Inspiro então um corpo antes do corpo, primordial ao corpo inventado. Olho-o como se não estivesse em mim. E no espaço do meu corpo desejo que ele exceda.

[4]

Esse corpo me propõe um estranho pensamento. Tenho esqueleto, sangue, músculos, vísceras.

Experimento uma terrível consciência num abismo que grita. À minha frente ergue-se uma imagem de homem. Realidade demasiadamente concreta. Esse corpo de órgãos me expõe a mediocridade do cotidiano. Renuncio. Canso dos mesmos sabores. Há certamente um corpo imperceptível. Em Artaud algo escapa pelos órgãos. Em Bacon desfiguro a mim.

[5]

Gosto de uma certa inconstância. Seria o meu corpo essa própria inconstância? Disponho de excessos e de escassez. Isso provoca uma certa suspensão de mim. Esbravejar torna-se a minha manifestação mais eminente quando percebo que o silêncio é ecoante. Busco a nudez parca.

[6]

Aprendo com meu corpo quando algo ressoa em mim. E de forma tênue desperta esse que se mantinha sonolento. Com uma chicotada torno-o vibrátil. Às vezes ressoa tão forte que provoca uma tempestade interior. Permaneço quieta experimentando-a com todo o amargor. Outras vezes, repercute leve e sereno. Reconstituo-me no conforto da sombra.

[7]

O corpo agora é tudo o que inventa ser. O estranho habita em mim e ouço-me no eco repetido. Na fissura a massa espessa aquece-me inteiro. O corpo dorme apoiado sobre a casa que o sustenta. E tudo não é mais que um sonho agradável desse frágil pássaro.

[8]

Podia ver no ar tedioso um pássaro imóvel. Seu corpo não produzia o mais ínfimo movimento.

Contra o ar ele ficava e o ar, ele mesmo, era em movimento. Penso vagamente: quero fazer de meu corpo uma forma reduzida, ele, imóvel diante de forças múltiplas.

[9]

E em segredo, escolho a face estrangeira do corpo. Afasto-me da sua natureza e o meu interior se cala. Solto-me então da pele. Fronteira aérea do corpo, real e irreal se misturam recuando os limites corporais. O corporal se torna proteiforme. E na noite obscura, monstros e obscenidades encadeiam as imagens de minha pele que já não sente mais.

[10]

Eles já não podem sustentar. A luz imensa embaça o seu semblante. O corpo dissolve-se no calor de seu sangue e surpreende. Desarticulado em anagramas atemporais a cabeça encontra o pé, o joelho liga-se ao seio em estranha viscosidade. Tal infinito móvel ruboriza o corpo ao experimentar os seus desejos mais íntimos.

[11]

Calamos-nos. Um corpo vivo feito de estabilização cósmica ou vivo como uma vida de estrelas e equações matemáticas transporta-se a lugar nenhum. Tudo brota como forma e ganha vividez. E no útero gasoso inaugura-se a cada vez um novo universo. Um abismo se desloca entre névoas de possibilidades. E brumas permanecem por sobre as árvores.

[12]

Às vezes parece que a vida escapa. E fora do corpo resolve dar um passeio. Como é possível que se transporte plena de êxtase de uma

borda à outra? Em que outros corpos habita ao livrar-se do corpo da carne? Em vão apaga seus rastros ao retirar-se e não há remorsos do futuro.

[13]

O corpo parece perdido, perto do fim, em estado terminal de algo. Empurra o vento porque é hora de partir. Pouco sabe-se desse corpo e de sua história. Apesar do peso de tudo e já sem força, continua a se movimentar. Confunde-se com o movimento, desaparece nele, mas resiste. O corpo padece e não há descanso possível.

[14]

Ele não vacila nem por um momento, não hesita nem por um segundo. E desejante pede sempre mais. Choro, diz ele, por não conseguir saciar minha paixão. E o corpo convida o espírito a um delírio que exalta suas forças.

[15]

Saboreio terras desconhecidas. Invento cartografias. Invado um continente. Violo. Sob um céu inesperado, prescindindo de guias. Fora dos mapas, transito. Prefiro os cumes e montanhas. Terrenos planos me causam fastio. E as virtudes do corpo brilham no ápice e depois se recolhem docemente para atingir o silêncio.

[16]

Fixar o teatro numa linguagem tal qual fixar os corpos das bailarinas de Degas em um talhe do corpete ajustado excessivamente, indica a sua perdição. Concluímos, pois, que essa via corporal não é mais possível. E o corpo é levado a uma espécie de vida em que as formas não alcançam.

[17]

Eu abandono todo o pensamento (ou será que o pensamento é que me abandona?). Nasce em mim um pássaro dançante que plaina à vontade dos ventos. Nativo é o seu desígnio. Infinita, sua graça aérea. A um só tempo respiro infindas sensações lá onde as horas lentas dispersam o pensamento. E sobre o espaço azul e profundo vejo refulgir sombrias riquezas.

[18]

Sinto-me como se não pudesse mais pensar. Talvez não consiga mais pensar na imobilidade. Preciso de uma mobilidade provisória e repudio todos os ornamentos. Sonho com ondas do mar. Mas ainda sou floresta densa e sombria.

[19]

Será o pensamento essa coisa íntima que se exterioriza? Sensação agônica que só se liberta com palavras? Então tudo é forjado no pensamento. Quanta confiança em tal fidelidade! Desejo um pensamento que se pensa a si mesmo. Vazio e, no entanto pleno. Alegre, leve e com cheiro misterioso de âmbar.

[20]

Quero experimentar a minha própria embriaguez. Tomo o sonho por modelo e o pensamento cede. Abandono qualquer similitude. E mesmo ao despertar o meu estado é incognoscível. "Há que estar sempre embriagado"¹². Baudelaire encontra-se aqui?

[21]

Nada é tão fugaz quanto o pensamento! As ideias esgaçam as entranhas e transitam levemente pelo corpo. E são tantas ideias e pensamentos e tudo é tão intenso que às vezes

o corpo mal suporta. Mas lado a lado, eles andam, corpo e pensamento. E dissolvem-se delicadamente.

[22]

Queria pensar um pensamento virgem. Talvez fosse necessário um pré-pensamento. Um pensamento sem palavras e sem imagens. Nada. O nada é o início de um pensamento.

[23]

Sou teu pensamento acontecido. Traçado, denominado, inscrito. Sou tua emanção e teu desejo e nada somos um sem o outro. Tu te agitas e eu me agito. Tu te acalmas e eu me acalmo. E tornamos tudo limpidamente possível ao dançar numa clareira rubra.

[24]

O meu pensamento dura enquanto dura a dança. Essa ideia toma força em mim. A dança executa meu pensamento e parece que não sei mais pensar fora dela. E o corpo inteiro ressoa ao sinal de uma festa interior. Então, ao som de piano e flauta, órgão e guitarra, danço tango, valsa e dança macabra.

[25]

Um gesto experimenta estranhos movimentos. Existe pensamento mais puro do que este? Na nudez casta de seu surgimento, o pensamento traz consigo o seu desígnio.

[26]

No entanto, tudo é tão ambíguo. A calma é necessária ao pensamento. E também uma certa capacidade dolorosa de imobilidade. Recusa-se, pois, uma vida abandonada às volúpias.

[27]

Posso eu pensar até a extremidade do meu pensamento? Sou interrompida no silêncio da noite. Fico à espreita. Uma violência subterrânea me arrasta ao mais secreto sumo. Sinto a plenitude do vazio.

[28]

Os ruídos das coisas visíveis me incitam a pensar. A chuva que cai suavemente sobre a terra, as águas que correm no regato, o vento que sopra com furor. O que ouço e vejo disputam astuciosamente as minhas frágeis ideias.

[29]

Sempre tentei aliviar o peso que carregava nas costas. De igual forma, esforçava-me por subtrair o peso da linguagem, da memória, do pensamento, das sensações. Enfim, o peso da opacidade do mundo. Mas às vezes o mundo parecia petrificar-se a minha volta. E sobre o que havia de mais leve eu buscava meus sustentáculos: as nuvens, o vento, a maresia.

Corpo aéreo. Pensamento leve. Como é possível não adormecer? Usava os braços como asas, caminhava leve como o homem na lua, lançava-me livre ao espaço. Balançando como pluma de ganso esporeava o chão. E com nudez casta enlaçava o ar e a terra escapando de qualquer condenação.

[30]

Tudo é leve e fluido no salto ágil e imprevisível do dançarino, do poeta ou do filósofo que sobreleva o peso do mundo em calmo encantamento da luz da lua. E com igual delicadeza o xamã transporta-se de um mundo a outro, as bruxas voam à noite em cabos de

vassouras, as crianças aventuram-se em seus desígnios.

[31]

Quase fluido, o corpo imita coisas e cria signos. Das variações de sua plasticidade, nasce o espírito. Do espírito, o saber. No saber, o esquecimento.

Nos movimentos ritmados de todas essas misturas, o corpo sai à procura de sua alma e ambos brincam como amantes de um jogo de se perder e achar. A alma constantemente presente difunde-se nos vermelhos que encontra. Tal qual Teseu e Ariadne, dois gêneros, dois reinos, duas espécies se sobrepõem e se complementam. Soma branca de todas as cores, na trama dos fios.

Cada lugar, uma mistura original. Sempre compostos, reações recíprocas, matizes. O corpo puro é improvável. A chama dançante inventa formas e lugares e desliza entre véus de vizinhança. A alma mora nas singularidades contingentes onde o corpo a tangencia.

[32]

Somente sob uma certa obscuridade o corpo fica à vontade. Ele aprecia o sabor antes do saber. E a sensação desperta o gosto adormecido. O nariz apurado, o ouvido fino, o paladar ávido captam o instante. Debruçado sobre os sulcos, o corpo enevoadado retorna para a alma ao sopro dos ventos.

[33]

O organismo tão frágil se refugia em sua existência. Suspende o conhecido sem mínimo vestígio. Enfim, solitário e silencioso, alcança a

virtude do pensamento. E aspira a uma fusão de corpo e alma.

[34]

O artista pinta o rosto da mulher. A pele do rosto. Uma máscara. Sob a máscara a pele torna-se véu como se o tecido pudesse ter recebido a inscrição da face. A impressão é tão fina que poderia flutuar. O artista torna visível a invisibilidade do rosto da mulher. Entre peles e coisas não há como saber se o tecido ou a própria epiderme imprimem as transições fluidas.

O rosto estremece, exprime, respira, escuta, vê, cobre-se de fissuras e rubores. Denuncia as lembranças e a fraqueza. Os olhos irrigam o corpo de desejo. Os traços e marcas se misturam ao rosto pintado pelo artista.

A sensibilidade refinada do rosto suaviza as rugas e conserva o frescor do tempo. A alma do artista visita com frequência o lugar coberto de inscrições. E no afresco destaca o rosto tão bem harmonizado da mulher e o eterniza.

[35]

Ele nasceu pintor. Seu pai também o fora. E seu avô. Era uma geração de pintores. Não alcançaram muitas glórias. Mas nele nasceu muito cedo um certo gosto pela aquarela embora o pai quisesse que ele pintasse retratos. Pintar retratos era o ofício da família. E assim que começou a mostrar alguns conhecimentos pictóricos, seu pai lhe enviou ao velho mundo.

Sua fama veio logo dos retratos. Todos se submetiam a seu pincel: escritores, poetas, músicos, cientistas. Também belas mulheres

desnudas. Tais retratos, mais do que o rosto, mostravam a alma dos modelos. E naqueles rostos enxergava-se o corpo por inteiro.

[36]

Tomo a alegria de seu rosto e faço-a minha. Cada traço carrega a força do amadurecimento e desperta em mim uma energia incomensurável. A vivacidade arrebatava por dentro e a pele macia convida ao toque. A boca sorri, os olhos reluzem, o rosto todo enrubesce. O corpo então se rende a tal enlace.

[37]

Espaço tão vivo! Degustadora de coisas novas, de presenças estrangeiras. Gosto. Não gosto. Dos gostos e sabores. Curiosamente sensível, a língua faz pressão, cria obstáculos, faz dobras. Dança um bailado fluido em suas úmidas profundezas. Sensação de que pode colocar todo o corpo em movimento. Retorce, contorce, se delicia. Ecoam sons, rumores, humores. E fala tagarela.

[38]

Entrada maldita! Porta do inferno. Come-se sem ter fome. Desejo de nada. Fome de mundo!

[39]

Jovem e forte atribuía sua força à plenitude com que vivia sua alma e seu corpo. Respirava com todo seu pulmão. Estirava os músculos com toda a sua elasticidade. Usava todo seu vigor para ultrapassar a si mesmo. Apreciava o fresco, o calmo, o espaço, o tempo, o movimento com toda a intensidade. Sonhava com a grandeza de seu corpo. Sentia o calor do sangue e das vísceras em uma sensibilidade viva. Com todo o seu possível olhava o sol, estendia o braço, curvava o dorso, elevava os pés aos céus.

3

[1]

De repente, os escritos aparecem como espelhos. O corpo reproduzido em linhas torcidas. Os ossos, a carne, a respiração engendrados em vagas nuances. Uma língua com sua fisicalidade, sua violência, sua duração em tom passível de desfiguração.

[2]

No seio da íntima noite eu penso dança. E quando escrevo pontuo as frases como uma dançarina. E nada precisa ser dito. Um pé bem colocado diz mais. E as mãos excedem qualquer palavra. O que se escreve é o menos possível, como uma emanção que transparece através de um olhar. Minha sensibilidade desperta no mais próximo interior do corpo.

[3]

Sentia o corpo quase não existir. Talvez os ossos fossem apenas o que de mim sentia. A dureza dos ossos! Os ossos da cervical que me mantinham ereto na mesa de escrever e o das mãos que incessantemente rabiscavam o papel com seus traçados. O pensamento, esse sim, fugia. Não pelo corpo enrijecido, mas por ecos e rumores, gemidos e sussurros. E o corpo, tomado por uma volúpia de êxtase, excitava ainda mais meu pensamento.

[4]

Falas de um corpo sem voz. Eu falo de um corpoescritura. Em ti vejo um gozo de liberdade. Em mim o vestígio de um cansaço. O que não é dito com a linguagem, o corpo diz. O furor de um riso, o ímpeto de lágrimas. Os olhos atônitos do outro revelam os meus excessos. De modo que nunca encontro a medida certa para asilar-me na escrita.

[5]

Adianto-me a dizer que entrego o meu corpo para que nele possa ser inscrito. Pedacos de escritas, tomos de grafemas. Mas meu corpo faz linguagem suspeita e escapa a qualquer apreensão. As escritas desaparecem amareladas ao abrir buracos na carne espessa.

[6]

Experimento palavras desconhecidas. Invento-as. E as vejo dançar. Escrever talvez seja a decorrência do viver. E viver põe-me a dançar. Escrevo para ninguém. Danço para outrem. O impessoal é a minha condição. Misturo-me à feição indefinida e sinto-me dissolver vagarosamente.

[7]

Num estado de volúpia, dançar assemelha-se a escrever e ambos oscilam o meu corpo sonoro. Aqui uma combinação de carne e espírito segue a incessante metáfora do concreto ao abstrato, do gesto ao conceito. Na delicadeza do vai e vem de *entrechats*, um texto intermitente.

[8]

Subitamente as coisas e as ideias gladiam-se entre si. Encontram-se de tal forma musicalizadas, ressoantes, dançantes. No percurso ondulatório entre imagens e signos já não posso distinguir o que coexiste em mim. E tudo se avoluma no corpo. Pressinto um tal estado que talvez possa se denominar estado poético. Tão imprevisto e fortuito como a materialidade do corpo que (des)escreve.

[9]

Inscrevo sutis incisões em um corpo-linguagem, cujos traços leves e coreográficos exibem uma

dança de véus esvoaçantes que ocultam e revelam um corpo disperso no texto. De palavra em palavra, esgoto-me à medida que também a linguagem encontra-se à beira da exaustão.

[10]

No traçado da diferença tudo é aventuroso. Escreve-se na pele do ar, do cosmos, do corpo. Não! Não se escreve, inscreve-se. No ar, no cosmos, no corpo. E o traço erotiza-se num texto sensual.

[11]

No ato de escrever, os sintomas inquietam o corpo. O sol cega. O chão se esvai. E o fluxo passa a ser desfluxo na escrita truncada de um mais um. Escrevo. Paro. Leio. A paralisia arrebatada por dentro. Descubro, com Bataille, que escrever é uma experiência interior.

[12]

Gosto de figuras. Elas remetem a uma imagem coreográfica cuja ausência de sentidos faz transparecer a luz emaranhada do céu. De um modo mais vivo lembram o gesto inventivo do corpo. Assim, no *danseur-poète*, vejo um poema que rodopia entre a cabeça e a mão. Tal figura (valeryana) calígrafa na nudez do espaço o zigzague tortuoso dos nevoeiros.

[13]

O que posso dizer é que um jogo de formas dançantes e ritmos me inspiram. Esse corpo a corpo sobre o qual se joga o acaso. No inominável das coisas vivas, o movimento de um fala no outro. E na menor nuance, torno-me sensível às sonoridades das alegres coreografias verbais.

[14]

A suavidade de um gesto me expande. Despojo-me de meu estado cognoscível ao dissolvê-lo lentamente. Há um espaço indeciso, uma imensidão brumosa tal qual a cegueira da luz de verão. Logo um verbo se faz carne e a carne se faz verbo. E o corpo desvairado procura signos estranhos na terra.

[15]

Descubro que a poesia é obscura. O seu fundo é sombrio. Talvez por isso necessite um corpo. Não um corpo cuja matéria endurecida soe estranho a qualquer criança. Uma alegria de natureza misteriosa e desconhecida. Assim o milagre resiste às suas plasticidades.

[16]

Sob o signo do poema, ela chega. Vibrante, movente, incandescente. Sob o signo da dança, ele chega. Incerto, fugaz, evanescente. E na duração se fazem ato.

[17]

A alma do poeta dança sobre as ondas. Tudo é leve e o peso da carne é quase imperceptível. Entre as vozes das marés e o assóvio dos ventos, ele torna o seu corpo. E desliza nas densidades. Se alcança num gesto, se perde no seguinte tal qual a dança artilosa da poeira.

[18]

Goza o poeta de um incomparável privilégio. Nasce de sua obra e seu desaparecimento faz a obra existir. O visível torna-se invisível ao passo que o invisível devém visível. Me vejo pensando: O poeta seria um corpo que se devora? E quando nada sobra é possível recompô-lo?

[19]

Valéry, Rilke, Mallarmé, Cocteau, Baudelaire. Sob a forma de versos inauditos, criavam seus passos. E se aproximavam de seus deuses.

[20]

Em algum lugar, o poeta reencontrava-se com os velhos demônios. E com versos malditos os ressuscitava. Nessa hora mais um se perdia na noite do tempo.

[21]

A dançarina é "*le poème dégagé de tout appareil du scribe*"¹³. Desejaria o espírito poético desordenar imagens e sons, ritmos e timbres a fim de seduzir os sentidos?

[22]

E na dança abstrata uma linha é desenhada no espaço tal qual um hieróglifo em movimento. Queria o poeta alcançar proeza semelhante?

[23]

Quero exceder-me ao risco. Com um gesto poético esculpo uma noite. E desmesuro as coisas do dia. Agora respiro o irrespirável ao passo que torno-me mais obscura, suspeita, incerta, inominável.

[24]

Tu és o suspense de teus versos. Perdes a medida e não sabes mais *sur quel pied danser*. Escutas então a respiração do teu corpo e inspira-te com os aromas *vivantes*.

[25]

O maestro subia ao palco e levantava a batuta. Nesse momento as respirações eram suspensas e o coração ofegava. Um poeta a tudo assistia,

extasiado. Com o libreto a mão, pensava: A expressão poética poderá alcançar a melodia?

[26]

Isso tem ritmo. Esculpe o silêncio. Irradia as palavras. Vibra o erotismo. Impulsiona o movimento. Ritmo carnal! Em meio a oscilações o tempo marca oito. Depois um hiato. E começa tudo de novo. Diante de cada parada uma força atravessa os sentidos. Os ritmos se misturam: respiração, pulsação, movimentos peristálticos. Em modulações vibratórias o ritmo exprime do mais material ao mais sensual. E segue variando infinitamente.

[27]

Uma misteriosa sinfonia! Da prosa ao verso, da palavra ao canto, da marcha à dança. Nada substitui ou transporta daqui para lá ou de lá para cá. Contudo, algo escorre em variações intensivas: falar a música, dançar a língua, cantar o verso.

4

[1]

Se eu pudesse dizer tudo isso de forma tão direta não precisaria mais fazer coreografias. Há tantas camadas de sentidos. Tantos lugares para olhar ou procurar. Tantos humores diferentes. E tudo não passa de uma combinação de elementos embalsamados dentro de um mesmo corpo.

[2]

Quando recuo e observo vejo que havia sempre dança. E isso se mostrava em muitas formas e imagens diferentes, como ondas que tem um período de temporalidade. E já não importava se era através disso ou daquilo, desde que as imagens expressassem o movimento.

[3]

Sempre havia uma hesitação entre seguir o plano ou ir atrás de pequenos detalhes que por alguma razão me chamavam a atenção e que não fazia ideia para onde me levariam. Mas eu era uma *maître*. E esperavam saber de mim exatamente para onde ir. Eu me cansava dos mesmos sabores e traçava a vida como rumo possível.

[4]

Todas às vezes, pensava que havia acabado. Foi a última vez, dizia. E logo em seguida me via a começar de novo. Então dava mais um passo. Ensinava mais algum. Aprendia outros tantos. De tudo, considerava sempre tão importante manter essa linha tênue de pensar sem correr o risco de saber demasiadamente.

[5]

Depois dela o tempo nunca mais foi o mesmo. Lembro que aprendia na magia de um encantador de serpentes. Como medusa ela

petrificava os meus olhos. E me seduzia. A força exercia em meu corpo tal fascínio que eu virava sensação plena em estado de graça.

Então me tornei eu mestre de mim. Entre rotinas e poéticas, aprendi. De repente. A solitária geografia, a dura geometria. Pulverizada por encontros e contágios excedi-me aos riscos. E os que levantaram voo, segui. Sem ideias ou essências aventurei-me em terras desconhecidas.

[6]

Foi numa dessas manhãs que percebi o quanto já estava dentro. E percebi também que não conseguiria mais sair. Tudo isso me perturbava e ficava tentando entender como eu tinha chegado sem sequer ter consciência. E agora tinha medo de compreender. Então como profeta do apocalipse eu seguia.

[7]

Às vezes eu enjoava. Enjoava e pensava: não quero mais. Não enjoava das pessoas, não, as pessoas não são como pratos que a gente diz: não quero mais. Enjoava dos excessos. Nessas vezes preferia a fome.

[8]

O cenário é a sala abandonada. O mestre está ausente. Todo ato alude a uma cena cotidiana: não há ninguém. Por meio de similitudes pode-se também pensar no teatro sem espectador, no palco sem ator. Mas também pode remeter a uma iniciação: morte do lugar, da cena, do cotidiano.

[9]

Sempre oscilava entre ir e não ir, querer e não querer. E isso já fazia parte da rotina na qual nada acontecia. Nunca ocorria susto algum. E isso garantia que nada acontecia. Assim eu me sentia seguro. Seguro e protegido. E ainda assim oscilava entre ir e não ir, querer e não querer.

[10]

Espere! Vamos conversar, dizia ele. Não há mais conversa, dizia ela. Nesse dia nada mais é dito. E também nos dias que seguem. Uma impotência desconhecida começa a tomá-lo. Mais tarde uma fraqueza diante da vida. E depois nunca mais ninguém ouviu notícias dele.

[11]

Então ela viu aqueles rostos. E ficou olhando por um longo tempo. Atentamente. Havia traços e cores nos rostos. Percebeu então que os outros rostos olhavam para ela. Repentinamente. E no rosto a rosto os olhos se encontraram. Lentamente. Foi aí que aquelas outras vidas se misturaram à dela. Inesperadamente.

[12]

Atrás da vidraça, fico parado. Olho para fora. A vida acontece em uma violência descomedida. Crianças brincam, o céu escurece, o vento sopra as folhas das árvores. Eu permaneço assim: parado, calado, intimidado. Olhando pela janela.

[13]

Por uma matéria em movimento, pensava. Seria esse o seu ofício de *maître*. E não havia nenhuma eloquência nisso. Pensar sempre o inesperado, esculpir um gesto, abandonar as formas familiares. De resto uma certa obstinação.

[14]

Não fazia calor, nem frio e andávamos dispersos. A brisa doce, os odores fortes, o gosto de ervas na boca. Tocamos o álamo das folhas, ouvimos as águas que se enrugam como seda, vimos os jardins esquecidos, sentimos o cheiro dos perfumes finos. No legado das coisas sensíveis e sublimes, a força da sapiência.

[15]

Rostos inusitados e a possibilidade de fazer o pensamento pensar. O que antes parecia calado agora voava desvairado por entre os corpos que gritavam por novos encontros e misturas. E os movimentos produziam suas velocidades. E a pluralização das infâncias, dos conceitos, dos tempos e espaços habitava os novos corpos, ainda que timidamente.

[16]

O gosto tácito, o odor, os gestos, o encantamento, a intuição que fásca como raio ensina os mais displicentes. Há coisas sem texto, pessoas sem léxico, corpos sem gramática.

[17]

Em algum dia, uma hora, num certo lugar, ouvi: *Les maîtres ne meurent pas. Ils dorment seulement.*

[18]

A Sra. M, *maître de la danse*, usava cachecol e era portadora de uma insólita gentileza. Todos gostavam dela. Recompensava um belo gesto com balas de anis.

[19]

Às vezes, caminhando na praia, coreografando um movimento, ajustando um levantamento,

ele se curva submisso diante da experiência dela. Ela o ajuda a passar do espelho onde se olha ao espelho onde é visto pelos olhos dela.

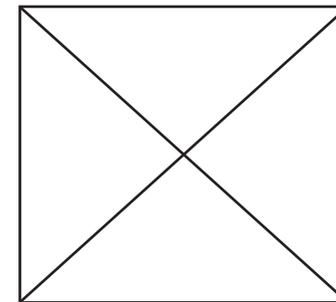
[20]

Certas coisas respondem-se com palavras, outras com movimentos. Saber preciso esse do corpo! Com austeridade e clareza, simplicidade e força o corpo aprendente logo descobre que não há lugar para dissimulação.

[21]

Reminiscência de uma aula de dança clássica

croisé derrière **DERRIÈRE** *effacé*
derrière



effacé devant **DEVANT** *croisé devant*

Primeira aula:

Todo aprendiz-bailarino deve aprender o alinhamento. O alinhamento é a direção do corpo do bailarino dentro da moldura de seu próprio corpo em relação ao espaço. O bailarino deve se considerar o centro do ponto do quadrado do qual irradia três linhas. O

épaulement é um movimento dos ombros de acordo com a oposição dos pés essencial para a graça do movimento.

Seguem as aulas:

As bailarinas devem ser leves como uma pluma, vestir um *tutu*, cabelos bem apanhados para trás com fitas bem apertadas, exercitar a flexibilidade, girar sobre pontas, ter uma pose de altivez magnífica, repetir os movimentos.

A cada aula repetem-se os exercícios:
plies. tendu. battements. coup de pied
plies.tendu. battements. coup de pied

A aprendiz-bailarina pergunta à *maître* (após uma dezena de aulas): quando vamos começar a dançar?

[22]

Às vezes, era uma menina, outras vezes um menino. E não fazia diferença. Na verdade não era a questão de gênero o que importava. E talvez nem se sabia o que realmente importava. A questão é que eles chegavam, ora um, ora outro. Nenhuma palavra, sequer um olhar. E ficavam. Os dias passavam e ninguém nada entendia.

[23]

Quando criança ela não gostava muito de fazer seus deveres. Era magra e distraída. Escutava as portas que batiam, os cochichos da vizinha, a conversa no telefone. E diante dos livros e cadernos seu rosto desanuviava-se. Virava e revirava o lápis e respirava pesado como um velho. Olhava pela janela e vendo o sol imaginava o seu corpo empapado de suor.

[24]

Ela não brincava. Sim, era uma criança, mas não brincava. Preferia ficar quieta. Sozinha. Mesmo assim as outras crianças gostavam dela. E vez em quando a convidavam. Ela se concentrava ausente e desenhava estrelas, tantas e tão altas que eram levadas pela brisa, pelo silêncio e pelas ruas vazias.

[25]

A vida fora de casa era outra. A mãe dizia: fora de casa ele é uma doçura, em casa um maroto. Ele era o mais novo entre os três. Mas o que ele gostava mesmo era ler. Lia tudo o que encontrava e ler o levava para fora. Então entre árvores e arbustos, calçadas e ruas, sombras e claridade, experimentava o voo livre dos pássaros.

[26]

Numa noite de primavera, após o jantar, falava-se sobre os regozijos da família: as crianças têm ido diariamente à escola, o pai continua seus negócios, a mãe segue nos afazeres da casa, a irmã mais velha está apaixonada, a avó vem almoçar no domingo. Seguem então, aliviados, cada um para o seu quarto.

[27]

Nos domingos, visitava-se os avôs. Junto ao fogo, caldo e pão caseiro. No inverno, as flores que cercavam seu jardim ficavam retraídas. Após o almoço, corria-se e o corpo aquecia. E isso era alegre. Então domingo tornou-se a lembrança daqueles dias intensos.

[28]

A família não se reunia para tomar café e quase nunca para almoçar. Também não era

pai, mãe e filho. Nada disso. Aliás, havia pouco Édipo naquela família. Talvez nada. E moravam todos juntos ali. No jantar comiam carne assada e tomavam vinho. Um tocava piano. E sob as estrelas cadentes as crianças brincavam.

[29]

Eu nunca tinha ido a um teatro e cobri minha mãe de perguntas para saber qualquer coisa sobre o que iríamos assistir. Era *Giselle* o mistério desconhecido. Quando a cortina se abriu e o vultoso ventre das bailarinas apareceu sobre o palco, engoli um grito de alegria. E durante todo o espetáculo sentia o suor de minhas mãos. Flutuando pela noite seguimos em direção à casa e no mais íntimo da alma guardei aquele sonho.

[30]

Retira-se do jogo e volta. Muitas vezes. Seguidamente. Parece ir embora e quando volta segue do mesmo ponto de onde tinha partido. Mas o ponto já não é o mesmo. Ele muda a todo instante e lança-se no infinitamente pequeno tempo da infância.

[31]

Os olhos fitados da criança parecem reluzir frente à obra. No mais puro silêncio permanece por longo tempo. O pai sussurra suavemente ao seu ouvido. Com folha branca e lápis, desenha algo da obra vista. A cena sublime se contrasta ao peso do museu. O calmo e o eterno.

[32]

A delicadeza melindra-se com a redundância. Um ato, um gesto, um espaço que se repete em saturação de bem-estares. Ela esquiva-se das generalidades. Por inventividade ela pode

se repetir. E no extremo do gosto alcançar um estado amoroso.

Um corpo delicado composto de nuances. Possui todas as levezas e graças. Encantamento raro que a tudo afeta. Com zelo penetra com passos suaves na esfera das luzes que sacia as mais puras alegrias.

5

[1]

Uma coleção de impressões por si só inventa um lugar. O lugar existe no corpo como se o espaço o aterrisasse e pelo corpo fosse movido. Mas o lugar não é senão um incidente que o corpo quer cercar.

[2]

Um *pas-de-deux* de dois corpos. Corpo e lugar. Uma mesma textura, uma mesma liquidez. Os sentidos apenas existem na volatilidade desse encontro. Os gestos capturados no espaço incitam resquícios de memórias. E nenhuma relação perceptual se efetua. Apenas um continuum de encontros.

[3]

Em cada lugar, o corpo pressente a esperança e a beleza na mais pura intimidade. Vêm-se homens e mulheres firmes e fortes. Mulheres e homens cuja dor está presente. Mas o humor prevalece. Um beijo roubado. Um casal de amantes. Um olhar cúmplice. E o corpo degusta a sensação de visceralidade com o lugar.

[4]

Antes da presença quer-se o previsível. O conforto de reconhecer e não o desconforto do que se constrói como o próprio corpo.

[5]

Misturam-se interior e exterior como se o corpo e o lugar se tornassem entidades nômades. O prazer sensual no estar juntos dá nexos ao espaço compartilhado. O corpo não se sobrepõe ao lugar, mas lado a lado descobre as zonas ásperas e a rarefeita aparição.

[6]

Discretamente o corpo cria um lugar dentro do lugar. Lugar de margens onde tudo se regenera. Nada se perde na total ausência ou absoluta decadência de um tecido físico.

[7]

Como é possível passar para palavras aquilo que se vê? Descrever a sucessão de passos e gestos se no corpo tudo é tão somente único? As sinestésias, deslizos, corridas e afectos ficam como que fincadas ao corpo interrogando as lembranças.

[8]

O que de mais estrangeiro que aquele que sente o suspiro do lugar? Deixa o corpo ser tomado pela cidade e de si esquece. Perambula para se afastar mais da realidade e se adentrar em sua paisagem interior.

[9]

O desejo e a sensação de liberdade acariciam o corpo com suave conforto. O corpo vivo mal se distingue do inorgânico. Distanciado de todas as formas e de toda a história, as trevas não mais lhe pertencem. E o corpo vaga, leve e solto, por lugares tão estrangeiramente conhecidos.

[10]

O corpo conhece o desconhecido ao passo que não é reconhecido. Virtude da obscuridade! E a mais nova sensação vem ao corpo como ar puro. Basta que dure pouco tempo. Em sua mínima duração, causa ao corpo o frescor da vitalidade.

[11]

Ah, se fosse possível só sorrir! Diante de cada

descoberta ou experiência vivida. Em face de cada ressonância que o corpo arrebatava. O peso do dia então se diluía na carne frágil que refugia a existência.

[12]

Quase tudo é clandestino, pois nada corresponde ao familiar ou conhecido. Em genuína contingência o corpo se exila para escrever ou pintar, dançar ou ruminar. E a estranheza esplendorosa das almas perde-se em algum lugar distante, lá na frente, sozinha e eterna.

[13]

Ofuscado pela beleza fica-se esquecido de toda pressa e o corpo entrega-se à apreciação. Apaziguado pelo que vê, sente a sua vibração e basta-se com o que está ao alcance dos olhos. Ao entardecer olha para o céu que lembra uma tela pintada por Van Gogh. Tem então a súbita consciência de dois tempos: o tempo infinito e o tempo da vida.

[14]

Um rio generoso oferece suas águas em lados que as margens arborizadas delimitam. Em suas cores turvas refletem os campanários e sobre o limbo das águas invisíveis raiam os feixes de sol. Vigora um tempo inocente, manso, delongado, favorável à contemplação. Instantaneamente passa-se do real ao imaginário e nunca se está só.

[15]

Nos cafés inseparáveis da literatura, o corpo repousa de sua solidão. E não precisa encontrar alguém para não ficar só. Mesmo só está entre os outros.

[16]

Nada mais singelo do que nutrir o corpo só de sabores. Alimenta-se não só o corpo, mas os prazeres da degustação. Os olhares viram lábios suculentos. E o paladar desconhece a monotonia. Nas vitrines das *crémeries* vive-se a sensação de que tudo se torna *art décor*.

[17]

Na solidão da noite um sopro de vida anima as estátuas. E tudo parece existir para fazer sonhar. Proliferar a surpresa e incitar o riso com graça indizível. E na imaginação as estátuas movem-se em gestos. Num dia parecem lírios. Em outro, arbustos de aleias.

[18]

Quando a noite cai, o caminhante se sente aquecido pela luz amarela dos lampadários. A paisagem mais parece um cenário de teatro, como se a qualquer momento algum personagem fosse adentrar e o primeiro ato pudesse começar. E o sonho parece vigorar incessantemente.

[19]

Na perfumaria, na florista ou na casa de vinho o que menos interessa são os perfumes, as flores e os vinhos. As sensações novas que advirão a cada olfato remetem a sedução que já nada tem a ver com o objeto. Em um átimo de segundo, escorre os cheiros como a hábil rapidez de um clarão.

[20]

Nos *arrondissements* indefinidos, nos labirintos das ruelas, demora-se uma vida inteira. Há tantas dobras e sinuosidades. Linhas e saliências. Nos sulcos das esquinas perdem-se as margens.

E em coisas velhas descobrem-se novas. Nos refúgios à meia-luz decifram-se os enigmas dos livros lidos.

[21]

Flana-se pelo cais, pelas ruas e jardins. Flana-se para perder-se. Para não se repetir. Busca-se a iluminação ao passo que se deixa o corpo iluminar. Ofício de criador que busca a errância em tempo feito para se perder.

[22]

As obras e os artistas o desejo dilaceram. Pode-se ir a um belo teatro para assistir a uma peça, mas também na rua o chapéu vira bilheteria, a fachada vira cenário, o gravador converte-se em orquestra. Livres e leves as pernas desembaraçadas dançam suaves trejeitos.

[23]

A incandescente atmosfera convém aos amantes. Embora cinza, a cor se renova no corpo de forma inesgotável. E qualquer olhar torna-se um encontro que a Eros reverencia. Quando o olho avista a *Sacre-Coeur*, o corpo entra em êxtase na duração intensa de escassos segundos.

[24]

Para o *clochard* basta ver a cidade se transfigurar ao despertar do dia ou ao cair da noite que nada vale o lamento. Dormir ao relento, alimentar mal o corpo. Afetado pela cidade vê o sonho magicamente acontecer.

[25]

O corpo se descobre para logo se cobrir. Um nu de formas robustas fica apaziguado pela graça. Tão intocável quanto a cidade.

[26]

É esplendorosa a sensação de que morte e vida parecem enlear-se em um mesmo plano. Uma imagem colorida propõe todos os enigmas do possível. A primavera tem nostalgia do inverno. O outono clama pelo verão. O soprar do vento embala o pensamento espantado pelas lúgubres harmonias.

[27]

São de pedra os pássaros e gárgulas, mas também eles dançam em sede constante. A volta de seus obeliscos, a cidade em transe se reverencia. E irradia sua existência ao erguer-lhes o olhar. Nos pétreos labirintos o corpo acende em ardente desejo.

[28]

A vida pede espaços nos quais a realidade pode ser suspensa. O corpo repousa. Palavras interiores se calam. O espírito sufoca. O tempo corre líquido. E num suspiro uma voz diz: "Paris é excitante e calma"¹⁴.

[29]

Pudesse eu cultuar tua ópera. Uma, três, infinitas peças que nunca assistirei. Saudades do que nunca me será dado a conhecer!

[30]

Paris me apraz! Indolente, preguiçosa, sórdida e sedutora. Suas ondulações rápidas e audaciosas despertam meu espírito. O corpo exala em inocente abundância.

[31]

No ar um perfume de álamo. A atmosfera abrasadora acaricia magicamente a alma. E o corpo sente-se afagado pelo calor que atenua a sensação do extremo frio.

[32]

Um toque de primavera! As árvores têm todas as folhas e o verde é tão puro que parecem estar brilhantes de orvalho. Caminhar do *Palais du Louvre* até a *Champs-Élysées* é como música tocada ao piano. Quando o sol aparece o colorido das coisas surge graciosamente e também a agitação nas ruas e nos *bistrot*. E tudo tem um ar de humano!

[33]

Uma ilegibilidade concentrada de acontecimentos. O pensamento anda em desvios. A língua paralisa. O corpo se perde nos trilhos. Silêncio e solidão convivem harmoniosamente. E nada pode ser recitado ou contado.

[34]

Que me importa a terra? Há sempre um olhar confuso entre a miragem e a lucidez. Escuto minha hora, meu dia. Entre os passos e os pensamentos, encontro uma fiel reciprocidade. Penso: "*Pourquoi toute la vie n'est-elle pas une incessante danse?*"¹⁵

[35]

O corpo vibra quase sem perceber. Ao som de algum músico que por ali passou ou ao vislumbrar da paisagem exuberante. A porta abre e fecha incessantemente ao passo que os corpos se roçam na aglomeração da passagem do vai e vem. Alguns corpos esqueléticos, outros escondendo a carne em demasia. Os rostos cansados e sérios do labor da jornada. Seus pensamentos embarçam-se nas cores indecisas do crepúsculo. Subitamente descem em alguma estação.

[36]

Sob um vasto céu cinzento homens altivos e mulheres faceiras vagueiam com seus vistosos chapéus. Visão singular! Destoam visivelmente tal qual a arte e a literatura ativa e fresca. E há tantos chapéus quantos artistas e homens de letras. Frequentemente belos e estranhos!

[37]

Neva e fica claro. As árvores embranquecem e murcham. O vinho acalenta o corpo enquanto a solidão é a sensação presente. A atmosfera é favorável a essas volúpias. Pensar coisas do passado, fantasias e memórias.

[38]

Promenade dans Rue de Rome: cheiro das *mardis littéraires*¹⁶ de Mallarmé. Em meio a devaneios, avista-se a *maison*: pelúcias e bibelôs, musselinas e crepes da Índia, pratarias reluzentes, quadros de Manet.

[39]

Curta tarde de inverno. *Musée Georges Pompidou*. Em meio a sua arquitetura *high-tech*, uma primorosa exposição de Hans Bellmer. Cabeças conectadas aos membros, fragmentos de corpos colados a outros fragmentos. Seios soltos, corpos transfigurados. Seriam mesmo corpos o que via? Nas proximidades uma frase grita: "O indivíduo é a embriaguez do número"¹⁷.

[40]

Alguns lugares parecem inspirar a um estado de espírito musical. Serão esses que despertam no corpo os prazeres do amor?



[1]

Serei eu a outra de mim? Nunca havia reparado antes. Na verdade nunca pensei que pudesse diferenciar-me de mim. O que percebia é que havia algo em mim que se repetia. Mas isso não me diferenciava dos outros. Diferenciava de mim. Talvez por isso sempre me sentisse a mais solitária dos humanos.

[2]

Sou outra e não é possível me tocar. Estou no instantâneo da passagem. Invento uma vida para não ser capturada por ela. No entanto basta que eu me disperse para morrer na *folie du jour*. Outras vidas me parecem tão devidas! O relógio parece não mais marcar o tempo. Nesse instante descomedido evado de mim.

[3]

Hoje sou eu e o outro, diluído. Asfixio-me. E o outro me asfixia. Faço variações de mim. Danço, pinto, escrevo e depois, sem saber quando, apago tudo. Abomino qualquer vestígio. Minha presença é tão passageira quanto um meteorito que cruza o horizonte. E o corpo que *brûle* não sou eu.

[4]

Minha escrita é roubada de outro. Nela intensifico o falso. E a devoro antropofagicamente. Entre os ruídos e as melodias emaranhadas, há sílabas, cores, palavras e sons. Experimento os ecos em mim. E os deformato numa conjunção amorosa.

[5]

O outro dói em mim. Não me peça para explicar, eu não saberia. Só sei que às vezes dói tanto que entorpece o meu corpo. E estranhamente eu desejo ininterruptamente a dor. Mas quando

o sangue já não corre e as vísceras já não mais se contorcem me encolho entre os lençóis e fecho os olhos submersos em silêncio.

[6]

Ela brincava com sua sombra e dizia assim: eu brinco com a minha sombra. E enquanto brincava pensava: a minha sombra é outra que não eu. A sombra, sem voz ou face, usufruía de uma devassa solidão. Quanta obscuridade e palidez! Os pés descalços e o corpo nu eram intuídos por baixo dos tecidos que revestiam a sua delicada ossatura.

[7]

Se ao menos seus suspiros expressassem alguma coisa. Alguma paixão vulgar, uma lembrança nefasta. Enfim qualquer coisa. Essa manifestação silente me enchia de uma sensação sinistra. E não era medo de você ou de qualquer coisa exterior, o estranho é que o medo era de mim.

[8]

A vida se embriaga a goles lentos. Os turbilhões provocam uma certa vertigem no início estranha, depois, deliciosa. Titubeante, escuta-se o barulho do mar, o tremor das trevas e ouve-se o seu próprio barulho. O tempo já não passa. Descobre-se que a vida poderia cessar a qualquer momento a seu bel-prazer e você já não se importa. A leveza é o seu estado mais nobre. E o sentimento de amar parece sobreviver a qualquer lógica do universo.

O riso com graça emana de uma boca grande e vermelha. A adorável loucura ébria clama às feiticeiras para arrancarem a lua do céu. Na sua expansão de alegria, com vestidos esvoaçantes, entrega-se aos movimentos rítmicos num êxtase

que a faz flutuar. E no desfrutar da vertigem, Baco e Dioniso se encontram para celebrar a vida.

[9]

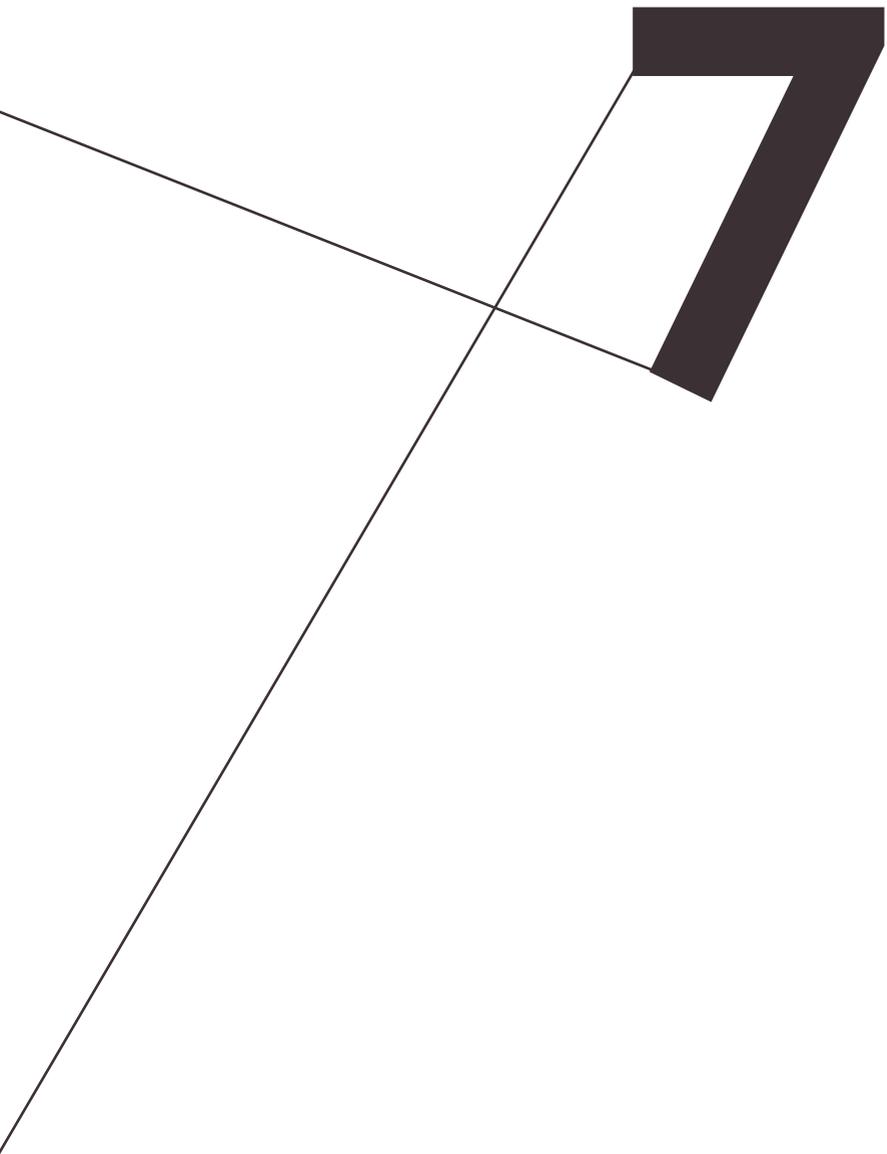
A Boca que saboreia também fala tagarela. Mas depois perde o fôlego e vê-se presa em sua língua. O vinho fresco e denso desce pela goela sedenta e degusta-lo dá sabor próprio ao fino paladar. O tempo corre como os fluxos vertidos da garrafa e inebria as lembranças entorpecidas.

[10]

Domingo de inverno é dia de *spleen*. Cinzentos e chuvosos exaurem o corpo de melancolia. Recusa-se o caos da sobriedade e embriaga-se com versos cujas palavras rasgam as normas. Depois balançam-se as pernas no ar em consonante humor.

[11]

O *bistrot* oferece ao corpo gélido o aconchego da bebida. A noite adentra vagorosamente ao sabor do Bordeaux sublime. O corpo então aquecido pelo calor que exala de dentro resiste às ruas cálidas desgarrando-se de toda a inércia e fadiga.



[1]

Acabo de falar de coisas como se ninguém as percebesse. O tempo corre. Filtra. Passa e não passa. Uma velocidade assustadora. Uma vagarosa lentidão.

[2]

A duração e o instante. Nada pode durar na fragmentação perpétua e instável de um tempo movente. O chão é abissal, o céu incomensurável. Na arte do tempo, a língua do corpo dançarino se embaraça na eminência.

[3]

O tempo mistura fluxos. Contínuos e rupturas. E simultaneamente vela e cochila. Corre e para. Canta e dança. Escapa de mim e me satura. Amo muito, amo enlouquecidamente e no mesmo instante não amo nada e ninguém.

[4]

Escuto o movimento ritmado do pêndulo do relógio. Um corpo oscilatório se desloca de um lado a outro incessantemente e uma mola vibra. A mola conta o tempo enquanto esvai-se a fugaz juventude.

[5]

A inquietude produz minha energia e me impulsiona no tempo. De trás para frente. De frente para trás. Desordenadamente. Tempo fora do grande tempo.

[6]

Parece que nada aconteceu naquele dia. Sensação de um dia vazio. No entanto não há como negar que o tempo passou e existiu um antes e um depois. Algo acontece, aconteceu, vai acontecer.

[7]

Eu precisava chegar. Ela precisava nascer. O tempo corria velozmente e mesmo assim cada segundo parecia perpétuo. O nascer tem hora marcada como o morrer. Hora da natureza, dos astros, dos deuses. Às vezes, cronológica. É preciso ter cuidado, escutar a hora. O corpo é que avisa em insuportável agonia.

[8]

O vidente vê no cristal o jorro do tempo. Desdobramento de passado e presente. Presente que passa, passado que se conserva. O vidente vê o passado coexistir com o presente que ele foi. E no cristal reflete o olhar de lágrimas cristalinas.

[9]

O calendário arrola o tempo que passa ao tempo que faz vento, chuva, frio, neve, colheita. Indeterminado em uma fração de segundos ou em décadas, tais eventos não cessam de surgir. Experimentam-se, arriscam-se sem nunca o mesmo repetir ou decalcar sordidamente. Sábria arte do tempo!

[10]

A memória brinca irreverente com o tempo. Altera sua ordem, aborta sua sucessão, abre a cada vez um novo início. E um estranho nomadismo lhe faz atravessar idades, lugares, situações a tal ponto que o corpo clama pelo esquecimento.

[11]

Tudo contém a passagem do tempo: a ferrugem dos metais, o esmaecimento das cores, o mofo do ar, o pó das cartas, o amarelo das paredes, as rugas do rosto, o peso do corpo. E cada instante leva consigo a juventude e o frescor.

[12]

Tantos engodos inventados para prender o tempo. Na ampulheta um último grão risca na areia a fragilidade de uma vida. Ponteiro invisível e silencioso.

[13]

Demorou uma hora para abrir a porta, dois minutos para ler a carta, uma semana para escolher a melhor palavra, um instante para tomar a decisão, vinte anos para dar o primeiro passo. E às vezes é tudo como se fosse ontem, antes, agora.

[14]

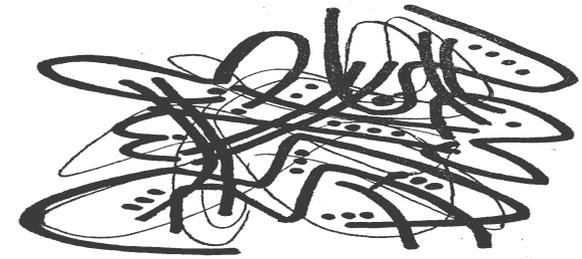
Um segundo que passa. Tempo exacerbado em que cada segundo é luxo e vestígio. Isso dança! Essa espécie de temporalidade efêmera. Uma hora, uma vida, uma obra.

[15]

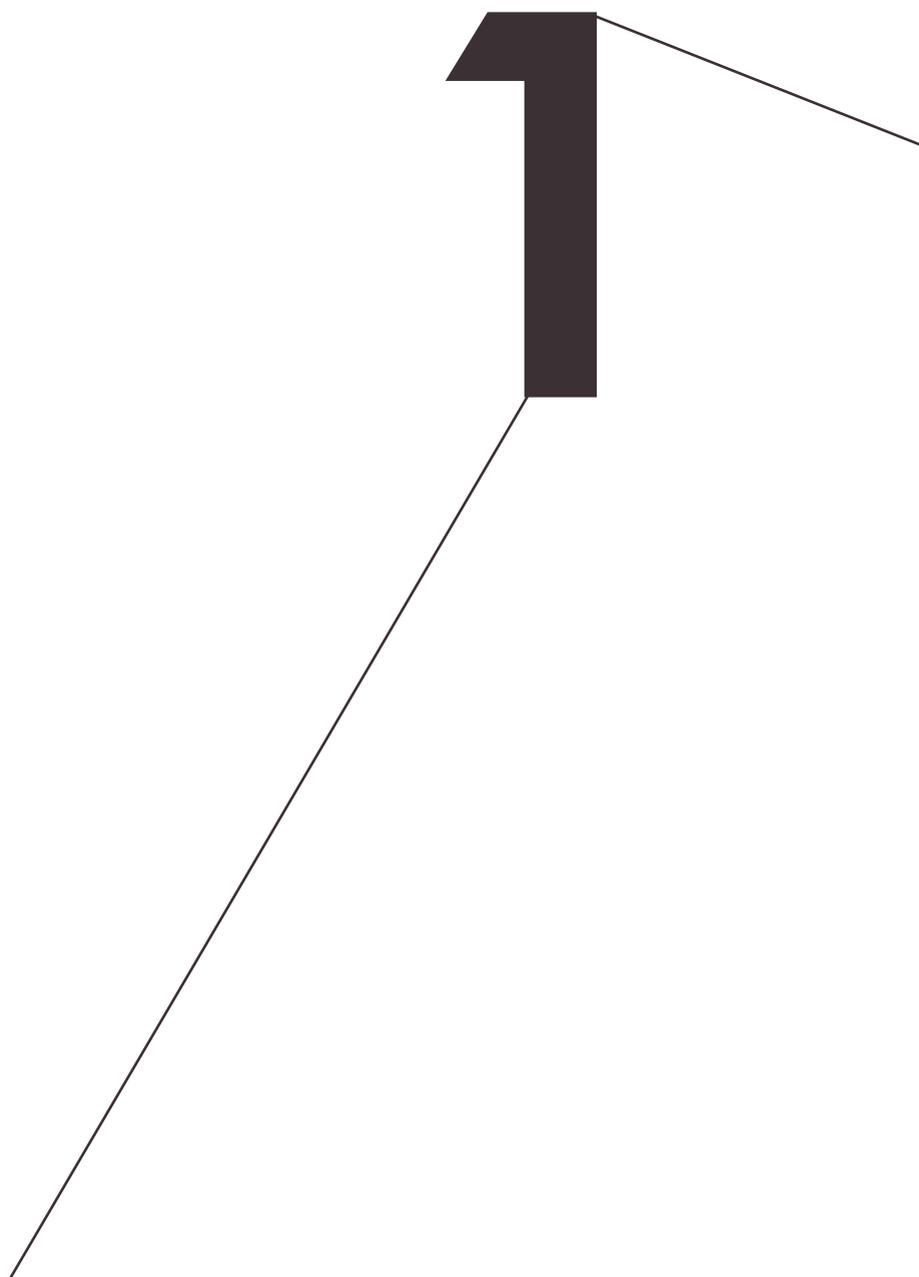
Parado ou em movimento o corpo da mulher vibra em velocidade e não ocupa lugar. E o movimento corporal de tal personagem também não sai do lugar. O tempo já não corre. E não se tem para onde ir. E não há razão para ir. Passa-se então do nomadismo à inércia. As coordenadas de tempo transformam-se em coordenadas de espaço e vice-versa. E nada acontece. Regressa-se então sem nunca ter ido. Com grande alívio sabe-se, pois, que tudo muda enquanto nada muda. Ao corpo modesto da mulher resta a infinita riqueza do sensível. E como predadora emboscada fica à espera de sua presa.

[16]

No começo, o cosmos. Um tudo e um centro. Depois, algo se perde. Partículas de poeira se transmutam, pedras cavam buracos na superfície terrestre, degelos transformam-se em terríveis invasões de água. Agressivas e pacíficas, tais substâncias se fundem em duplos. Um grão encontra outro grão e atrai um maior. O rumo da geografia desvia. O tédio repete a lei. A paciência da aurora, a ligeireza do crepúsculo. Nem tudo, nem centro. Mesmo assim o tempo cultiva a performance da noite e do dia enquanto dança em uma ardorosa névoa de possibilidades.



III
ADÁGIOS



[1]
Corpos e imagens são fugazes. Descontinuamente são fragmentos que passeiam entre cada coisa vívida. Há corpos inscritos nas paisagens que movem e comovem a pele e o olhar.

[2]
É sempre possível ver imagens nos movimentos das árvores, das ondas, das nuvens, nas relações entre a paixão e a tempestade, a brisa e a doçura.

[3]
Há tantas coisas a dizer. O latido do cão no meio da noite, as tardes ou manhãs, o silêncio e as cores. Será o tempo uma cor?

[4]
Entre o céu e o mar, uma certa ternura. *Côté à côté* misturam-se em calma alegria e furor. O oceano homogêneo e o céu impenetrável.

[5]
Debruçadas em cima dos rochedos a ressaca arrebenta. Depois desvanece e se afasta até desaparecer. Tal força inumana dança ao ritmo das marés.

[6]
Sobre o ventre dos peixes a água ressoa num movimento sublime. Efêmera, os gestos evocam sua fluidez. E como música em movimento a água viva torna-se arte.

[7]
Ao som da flauta o pássaro faz seu solo. Nijinskiano. Leve, sutil, vaporoso, em ritmos e quase-períodos. Com ousadia e pureza nua

quer parar no ar. Vibrante, exala perfume e cor num jogo de sombra e luz.

[8]

Entre a mulher e a flor, a forma dissipada de um cálice. O cálice, matriz de toda flor. A mulher, conduto entre a abertura de uma flor e o gesto de uma mão.

[9]

No gesto que simboliza dois teatros em uma única apresentação, a sereia se torna uma e outra. Aliança aleatória do gesto da mulher e da forma de um mundo.

[10]

É uma questão de tempo? Força invisível e dispersa, vinda do nada. Em véus transparentes seguem leves e flutuantes até perderem-se nos fluxos dos oceanos.

[11]

Frenesis das folhas balançadas aos ventos. Movem-se em adágios, compõem coreografias num entre - movimento.

[12]

Entre folhas mortas e plátanos foscas, uma variação de cores e tons. Decomposição. Degradação. Oxidação. A vida se retira. Se retira?

[13]

Instante vivo. Na aridez das terras, uma intumescência. Com o balanço dos ventos desmesuram a natureza. Ondulantes, escondem-mostram pequenos detalhes de algo que por ali passou multiplicando-se em ecos inúteis no deserto ocre e místico.

[14]

A falta de luz. A noite é o silêncio dos olhos. O deserto, o silêncio da língua. Neles enxergamos menos ou desaparecemos.

[15]

Bailado do nevoeiro. Os olhos não enxergam tudo o que querem ver. A enevoada paisagem esmaga a claridade e dissipa as ideias nascentes.

[16]

Linda manhã de verão! O sol sai do repouso e vem se mostrar na paz do azul anil. A quentura acorda os insetos que executam graciosamente seus floreios.

[17]

O corpo dos anjos oferece uma imagem transparente fiel a um fogo incandescente. O peso é insuportável, os saltos, formas de esquecimento. O espírito aéreo pode alcançar uma extrema plasticidade: se ganha gravidade e se perde, os olhos voam, o corpo esvai-se. E tudo significa tão pouco!

[18]

Dança desordenada que se estende até a mais completa paralisia. Queima, arde, crepita, fede. Incandescente e vivo torna a carne frígida.

[19]

Cabelos de serpente, coroas hialinas, franjas e pregas cristalinas. Viscosas e translúcidas em seu corpo se invaginam. E com suas cúpulas de seda flutuante dançam líquidas em espasmos ondulantes.

[20]

Nas arestas das fascinantes montanhas, dança-

se em equilíbrio instável sobre os ápices dourados ou ao sabor das imensas pontas que vibram à vontade dos ventos.

[21]

Em estado de vigília, dança-se entre o sono e a consciência. Uma incômoda imobilidade, pois tudo parece se movimentar no vácuo. Algo gira e de alguma forma permanece preso ao entorno como se o movimento pesasse sobre o movimento.

[22]

Sucessivas miniaturizações de ácidos e proteínas dançam coreografias codificadas. Os múltiplos retornos regulam a algazarra.

[23]

Uma rocha se move às rajadas do vento. Desliza suavemente e deixa rastros, variando infinitamente suas direções. A superfície lisa e mole torna a pedra leve. Que força estranha é essa que ninguém nunca presenciou?

[24]

Um órgão sem corpo dança solto no ar. Um poema de minúscula delicadeza. Um pé, uma mão, uma cabeça se movimentam solitariamente tal qual uma galinha decapitada. A vida mostra-se nua. Um puro acontecimento liberado dos endurecimentos da vida.

[25]

O corpo tem o segredo da terra. A poética da terra. E a terra reencarnada é dançarina. Em uma geologia coreográfica rastreia seus passos em latitudes e longitudes. O princípio então é dança. A dança em primazia ao corpo. Estética dançante é o novo nome que o corpo dá a terra.

Estética da poética da dança: Pensar-dançar. Dançar-pensar. Aparecer-desaparecer. Os signos mostram um corpo capaz de arte. Eis a coreografia da vida! Dançar a vida ainda mais!

2

[1]

Domingo à noite era impossível dormir. Meu cansaço tornava-se quase uma enfermidade. O trabalho de escritura não me deixava prever a coreografia concluída. Tudo que escrevia me mortificava. O que sentia era desagradável e tinha a impressão que já conhecia o alcance de meus gestos. Mesmo assim insistia com obstinação.

Levanto para tomar uma xícara de leite morno e lembro-me das lembranças de espetáculos e notas redigidas. Sono infindáveis notações e agora sim o sono me escapa. Bebo outro gole de leite, já um pouco sôfrega. Preciso apressar-me antes que o domingo vire segunda-feira.

[2]

Amanhece. Cheiro de café. Caminho lentamente pelas ruas ruidosas, com o olhar desabado de cansaço indisfarçável. Passo a passo, vagarosamente e cabisbaixa, percorro aquele lugar tão conhecido por mim. As vozes vão saindo de suas cascas e tornam o clima ainda mais quente. Sinto-me tão aquecida que chego a desabotoar o casaco. Aspiro o perfume do ar que me toma inteira e prossigo. O som de um clarinete me direciona e procuro o músico. Começo a girar por dentro numa dança imóvel. Escapo do meu corpo que segue livre no seu ritmo de gozo.

[3]

Havia muito a ser feito: cerzir as sapatilhas, fazer a feira, buscar a roupa na lavanderia, levar o cachorro para passear. O dia custou a passar em meio a tantos afazeres. Ora pegava a tesoura, ora voltava-se para apanhar alguma outra coisa. E suspirava como um vento no

bosque. Tão logo terminara senti um torpor e uma sonolência excessiva. Talvez tenha faltado dar água às flores ou limpar o aquário. Mas dizia alto: hoje não quero mais nada. Isso dava uma certa tranqüilidade. Fechar os olhos, deixar de ouvir. Nada mais fazer a não ser inspirar e expirar na penumbra do quarto. O corpo esgotado entrega-se ao cosmos pleno de ritmos, respirações, velocidades, lentidões.

[4]

Ainda é dia quando a porta se abre. Ele entra com passos quase felinos. E com o coração disparado prendo a respiração por alguns segundos. Seu riso me faz lembrar minha juventude. E com gestos delicados em mãos quase bailarinas, o silêncio do vazio é quebrado pelo ruído leve do desdobramento do papel de seda que envolvia aquele pequeno *souvenir*. Era lindo, de cor escarlate. Talvez o mais lindo que já tivesse visto. Ao apertar a tecla uma voz de mulher começa a cantar. A canção penetrava e me satisfazia em uma lenta dança de imagens. E a fantasia me liberava do presente.

[5]

Decido hoje ficar sozinha. Sentada perto da janela, afasto a cortina para ver o céu azul anil. Longas faixas de sol acariciam minhas pernas. O dia está quieto, sem música, sem vozes. Tomo um chá com biscoitos de polvilho e o aprecio com um prazer delicioso. Caminho até a estante de livros em passos milimetricamente marcados como se estivesse num ensaio. A leveza é o meu estado de alma. A beleza parecia anunciar a vida. Embora nada de especial tivesse acontecido, não carecia de mais nada por hoje e o vivido hoje parecia assegurar o amanhã.

[6]

A noite convida ao espetáculo. Há uma claridade noturna como se fosse dia claro. No teatro encontro uma certa magia de vida. Sobretudo naqueles que perturbam o repouso dos sentidos. Foi assim naquela noite. O espetáculo exaltou meus sentidos a uma força convulsiva tal qual uma luz de intensidade branda que rajava como um estranho sol. Senti-me coagulada por dentro. Nessa noite durmo com a mão sobre o peito com a claridade lunar penetrando o dorso do corpo.

[7]

Distraidamente coloco a mão no bolso e descubro um panfleto que já não conseguia lembrar como tinha ido parar lá. Era de uma exposição de artistas modernos. Anoto o endereço e saio trilhando enquanto o vento despenteia meus cabelos. A exposição se situava no quinto andar do salão conduzido por uma íngreme escada. Chego ofegante. Mas logo os meus pensamentos esvoaçam em névoas. Isso graças à beleza das telas que me cercavam e que do teto pendiam em fios. Sem títulos e pernósticas, distribuíam alguns efeitos de sombra e luz. E com fremente inquietação retorno trilhando enquanto o vento despenteia meus cabelos.

[8]

Hoje é domingo de novo. Chove a cântaros, sem parar. Tudo está monotonamente molhado e começa a ficar custoso sair de casa. Com isso têm-se mais um dia melancólico. A quietude da rua, as portas pesadas trancafiadas, os jardins adormecidos. As lembranças vêm à tona, sem consolo, roubando o solo que sustenta os pés. Mas o corpo vivo não adormece. As pernas

são tão astutas quanto os braços e o sangue
que fervilha por dentro. E o ruído leve da chuva
inspira ao começo de um novo passo.

3

[1]

Uma vida breve, porém melodiosa. Desgarra-se do fato de que seu talento pode apagar-se ou desaparecer de todo. E a qualquer dia já não poderá mais alçar vôo, pois a leveza das asas a abandonara. Nem lembra mais que nasceu de um casulo opaco. E que o pó fez desenho em suas asas como arabescos rabiscados por pincel ou nanquim. A mais sublime beleza! Sem falar da imagem do revoar em bando, que aos olhos emociona. Nada a intimida de ser grandiosa. Sua aura resplandece na exuberância das cores. Agora resta-lhe a lembrança dos dias em que voar fora a sua audaciosa vertigem.

[2]

Imagino as vidas que as paredes velam. Homens que não se concebiam sem duelos. Mulheres nascidas para o brilho do salão. Vultosas, elegantes, com vestidos arrastando pelo chão. Um perfume de altiva virtude emana das aristocráticas beldades. Uma orquestra joga noite adentro ritmos voluptuosos, enquanto olhares cobiçosos se cruzam. Algumas bamboeiam ao degustar taças de champagne. Outras volteiam corpos esvoaçantes, em rotações colossais. E no suave vai e vem dos corpos lânguidos e entorpecidos a noite segue cálida sem perceber a luz do dia.

[3]

Eterna beleza fugaz e frágil. Às vezes tênue como a passagem de um anjo ou um beijo só descoberto depois que o instante aconteceu visível, em um fragmento de segundo. Há quem diga que a beleza pode estar no perfeito equilíbrio das proporções e na impecável ordem da simetria.

Mas a beleza de uma imagem se encontra no mais volante equilíbrio. A câmera registra o que os olhos querem ver. Entre o efêmero e o divino, a luz do corpo reflete o olhar. E as imagens do sol obcecaram o visível.

[4]

Nos sábados as mulheres passam de um lado a outro, entretidas nas ruas, no salão, no parque, nas lojas. E se julgam belas ao passar, admirando-se nas vitrines de vidro. Ao refletir a sua imagem no espelho, diminuem o passo e até mesmo param demoradamente diante de tal satisfação. Sem ao menos reparar buscam algum reconhecimento, alguma comparação favorável a um retrato. E demoram tanto até o ponto de ser olhada pelo que veem. Vazada, atravessada sem contorno, veem não mais a imagem, mas a vida que passa pela imagem.

[5]

No torpor de sensações insanas, usam-se vagos adereços encobrendo sonhos pelo avesso. Máscaras choram, riem e cantam. Encobrem a face entristecida na folia alvejada por confete e purpurina. Despertam a curiosidade rebuscada ao invocar a memória e a magia. Nada existe senão a fantasia do sol claro da apolínea razão ou a lua obscura da dionisíaca emoção. No triângulo amoroso um fala do céu, outro fala da terra. E em meio a cenários e flutuações, Colombina hesitante exclama: Amo-te Pierrô! Desejo-te Arlequim!

[6]

Desfazendo-se de suas mortaldas aconchegantes, os corpos aventuram-se a inúmeras metamorfoses. Transmutados já não querem mais voltar à humanidade.

Com fetiches ou paixões devoradoras e vitais emanam múltiplas simulações. Ontem à noite, levado pela força da música ela transformou-se na leveza de um pássaro dançante. Hoje, feito peixe, ele deslizou pelas águas do rio. Numa certa manhã Gregor Samsa acordou em um corpo estranho.

Tudo muda tão depressa! Aparentes ou quase despercebidas, as últimas mais perigosas porque capciosas. É possível também disfarçar: Hoje estou mais deprimida, deve ser o rumor da tempestade.

[7]

No céu deleitoso do outono, pássaros migram triangularmente. E sob o mesmo encantamento evanescem na primeira hora sombria. Simultâneos, ora visíveis, ora invisíveis, afagam nuvens em seus vãos rasantes. Tramam o ar com destreza e bem no alto singram o céu com extremo grito estridente. Com asas plenas coreografam ilegivelmente o espaço. Diante de tal envergadura e duração o palco entreabre-se na morada mais elevada para assistir tão sublime espetáculo.

[8]

Encantadoras criaturas! Voluptuosas, incontornáveis musas. Caçam e dissipam os sonhos alheios. Reais ou imaginárias inspiram a criação. Rostos puros, corpos calmos e claros. Cantam o presente, passado e futuro em sons que sugerem uma música natural.

[9]

Ó, Terpsícore, musa rodopiante! Ao som da lira conduzes a cadência de teus passos. Inefável é o teu destino. Tu és tão bela, encarnada amante da dança, que tua sedução reina entre as cintilações mais fervorosas.

[10]

A noite, o mar, o vento, a eternidade. Tudo parece adormecido em uma virgindade intemporal. Silêncio da boca. Silêncio do corpo. Silêncio da natureza. Mas há o que fala em mim no silêncio interior. E propicia volúpias tão fugazes quanto às efusões oratórias. Enlaçado com a felicidade, as horas mais lentas contém mais pensamentos, os corpos solenes tornam-se mais profundos e expressivos. O êxtase pronuncia-se em uma orgia silenciosa ao passo que um bloco de ternura emana de suas entranhas em uma dança espiritual.

[11]

Sempre tive medo de apagar a luz. Essa sensação de acabamento e de escuridão. E ele me dizia: você vai apagar a luz! Isso me fazia respirar fundo e sentir o peso daquele ato. Eu escutava os sinos soando marcando um fim enquanto a luz da tarde se transformava em luz da noite. Talvez fosse o medo da ruptura definitiva. Permaneci por um tempo estranhamente longo no cruzamento dos caminhos. E a luz me devolvia os sentidos. Por fim, movido pela intensidade e fortalecido pelo ar livre, senti-me encorajada a apagar a luz. Mas a luz já não precisava mais ser apagada.

[12]

Não mais que morosamente, dissipa-se pouco a pouco enquanto tenta-se devorar visceralmente o último segundo. Aspira-se o vazio. Escuta-se a escuridão. Apazigua-se os corpos luminosos. Os vivos vestígios parecem subsistir ao espírito, ainda que por um brevíssimo instante. E as cortinas baixam lentamente.

NOTAS

(ENDNOTES)

1- Paul Valéry. Philosophie de la danse. In: *Ouvres I*, Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1957, p.1396.

2- Paul Valéry. Philosophie de la danse. In: *Ouvres I*, Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1957, p.1400.

3- Verso do poema *L'après-midi d'um faune* de Stéphane Mallarmé.

4- Paul Valéry. Degas danse dessin. In: *Ouvres II*, Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1960, p.1171

5- Pina Bausch. Obra "Cravos" (1982)

6- Haroldo de Campos. *Hagoromo de Zeami*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006, p.40

7- *Grupo Corpo*. Grupo de dança mineiro fundado em 1975

8- Jerome Bell e Xavier Le Roy – coreógrafos e bailarinos franceses. Jerome Bell criou uma obra com o nome de Xavier Le Roy (2000) na qual Le Roy dançava. Jerome Bell queria assinar a obra como se assina a pintura de um quadro.

9- *L'après-midi* - Espetáculo de dança apresentado no 37º Festival d'Automne à Paris, dezembro/2008. Coreografia de Raimun Hogue e solo de Emmanuel Eggermont. A obra é baseada no ballet "*Prélude à l'après-midi d'um faune*" com partitura de Debussy (1894) criado a partir de um poema de Mallarmé.

10- Stéphane Mallarmé. Ballets, Crayonné au théâtre, Divagations. In: *Ouvres*. Paris: Gallimard, 1961, p.201

11- Carolyn Carlson. *Paroles de danse*. Paris: Albin Michel, 2000, p.51

12- Charles Baudelaire. *Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris)*. Tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2009, p.177

13- Stéphane Mallarmé. Ballets, Crayonné au théâtre, Divagations. In: *Ouvres*. Paris: Gallimard, 1961, p.201

14- Gertrude Stein. *Paris França*. Tradução Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007, p.33

15- Paul Valéry. *Melange*. In: *Ouvres I*, Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1957, p.1721

16- *Les mardis littéraires* de Mallarmé diz respeito aos encontros literários de Mallarmé com seus discípulos, às terças-feiras, em seu apartamento à Rue de Rome.

17- Charles Baudelaire. In : *Exposição Hans Bellmer*. Musée Georges Pompidou, Paris, 2006

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. *O ovo apunhalado*. Rio de Janeiro: Agir, 2008

_____. *Pequenas epifanias*. Rio de Janeiro: Agir, 2006

_____. *Triângulo das águas*. Rio de Janeiro: Agir, 2008

_____. *Fragmentos*. Porto Alegre: L&PM, 2008

ARAÚJO, Roger Albemaz de. *½ dia ½ noite*. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2007. Tese de doutorado em Educação.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 2006

_____. *Linguagem e vida*. São Paulo: Perspectiva, 2006

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *O pintor de retratos*. Porto Alegre: L&PM, 2002

BACON, Francis. *Entretiens avec Michel Archimbaud*. Paris: Gallimard, 1992

BADIOU, Alain. *Petit Manuel d'inesthétique*. Paris: Seuil, 1998

_____. La danse comme métaphore de la pensée. In: *Danse et pensée: une outre scène por la danse*. Sammeron: GERMS, 1993

BALZAC, Honoré de., BAUDELAIRE, Charles, D'AUREVILLY, Barbey. *Manual do Dândi: a vida com estilo*. Organização, tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris)*. Tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2009

_____. *Meu coração desnudado*. Tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

_____. *As flores do mal*. Tradução e notas Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

BARTHES, Roland. *Mitologias*. Tradução Rita Buongiorno, Pedro de Souza e Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2006

_____. *O grau zero da escrita*. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004

_____. *O neutro*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003

_____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Tradução Márcia Valeria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003

_____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leila Perrone Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003

BAPTISTA, Josely Vianna. *Corpografia*. São Paulo: Iluminuras, 1992

_____. *Ar*. São Paulo: Iluminuras, 1991

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. Tradução de Celso Libanio Coutinho, Magali Montagné e Antonio Ceschin. São Paulo: Ática, 1992

_____. *Les larmes d'Éros*. Paris: Brodard & Taupin, 2006

BELLMER, Hans. *Anatomie du désir*. Paris: Gallimard/ Centre Pompidou, 2006

BÉJART, Maurice. *Ainsi danse Zarathoustra*. Paris: Actes Sud, 2006

BERGSON, Henry. *La pensée et le mouvant*. Paris: PUF, 2006

BOGÉA, Inês (org.). *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

BOISSIÈRE, Anne e KINTZLER, Catherine. *Approche philosophique du geste dansé*. Paris: Presses Universitaire du Septentrion, 2006

BOURDETTE-DONON, Marcel. *Le rythme du corps*. Paris: L'Harmattan, 2002

CAMPOS, Haroldo de. *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2000

_____. *Hagoromo de Zeami*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006

CONY, Carlos Heitor. *Balé branco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

CHENNEVIÈRE, Yves Mabin. *Corps scindé*. Paris: Éditions de la différence, 2008

DELEUZE, Gilles. *A dobra, Leibniz e o barroco*. São Paulo: Papirus, 1991

_____. *Cinema 1 L'Image-mouvement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983

_____. *Cinema 2 A imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2005

_____. *Francis Bacon: Lógica de la sensación*. Traducción de Isidro Herrera. Madrid: Arena Libros, 2002.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia*. Tradução Bento Prado Jr e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Le danseur des solitudes*. Paris: Les Editions de Minuit, 2006

DUPUY, Dominique. *Danse contemporaine, pratique et théorie*. La revue de l'IPMC, Marsyas, revue de pédagogie musicale et chorégraphique. Marseille: Images en manouvres Éditions, 2007

CAGE, John. *Silence*. Paris: Éditions Denoel, 2004

CARLSON, Carolyn. *Le soi et le rien*. Paris: Actes Sud, 2001

CYPRIANO, Fabio. *Pina Bausch*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005

CORAZZA, Sandra Mara. *Os cantos de fouror*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2008

FABBRI, Véronique. *Danse et philosophie, un pensée en construction*. Paris: L'Harmattan, 2007

FERNANDES, Ciane. *Pina Bausch e o Wuppertal dança-teatro: Repetição e transformação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

FONTAINE, Geisha. *Les danses du temps*. Pantin: Centre National de la danse, 2004

FORMIS, Barbara. *Gestes à l'ouvre*. Paris: De l'incidence éditeur, 2008

FRANKO, Mark. *La danse comme texte, ideologies du corps baroque*. Paris: Kargo & l'Éclat, 2005

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1991

GALEANO, Eduardo. *Mulheres*. Tradução Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2009

GARAUDY, Roger. *Danser sa vie*. Paris: Éditions du Seuil, 1973

GIL, José. *Movimento total: o corpo e a dança*. Lisboa: Relógio D'Água, 2001.

GINOT, Isabelle. Fissures, petites fissures. In: *La danse, naissance d'un mouvement de la pensée*. Paris: Armand Colin, 1989.

GREINER, Christine. *O teatro Nô e o ocidente*. São Paulo: Annablume, 2000

HANDKE, Peter. *A vida de um escritor*. Tradução de Reynaldo Guarani. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

HECQUET, Simon e PROKHORIS, Sabine. *Fabriques de la danse*. Paris: Presses Universitaire de France, 2007

HEMINGWAY, Ernest. *Paris é uma festa*. Tradução Ênio Silveira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009

JACQUET, Chantal. *Le corps*. Paris: Presses Universitaire de France, 2001

JARRETY, Michel. *La poétique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2003

JARRY, Isabelle. *Dominique Bagouet*. Paris: Éditions Marval, 1998

KLEIST, Heinrich Von. *Teatro de marionetes*. Tradução de Paulo Mendes Campo. Rio de Janeiro: Cadernos de Cultura – Ministério da Educação e Saúde, 1952.

_____. *Pentasiléia*. Tradução Rafael Gomes Filipe. Portugal: Porto Editora, 2003

LAMBERT, Jean-Clarence. *Poétique de la danse, d'Euripide a Lorca*. Paris: Falaize, 1955.

LEVINSON, André. *Paul Valéry philosophie de la danse*. Paris: La tour d'Ivoire, 1927

LINS, Daniel e GIL, José (orgs.). *Nietzsche Deleuze, jogo e música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida (pulsações)*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999

_____. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

_____. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998

LODGE, David. *A arte da ficção*. Tradução Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2009

LOUPPE, Laurence. *Poétique de la danse contemporaine*. Bruxelas: Contredanse, 1997

MALLARMÉ, Stéphane. *Divagations*. In: *Ouvres*. Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1961

_____. *Contos indianos*. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2006

McCANN, Colum. *O bailarino*. Tradução Áurea A. Arata. São Paulo: A girafa Editora, 2004

MEDEIROS, Sérgio. *Alongamento*. São Paulo: Atelier Editorial, 2004

MENDES, Murilo. *Melhores poemas*. Seleção de Luciana Stegagno. São Paulo: Global, 2000

MÉRIMÈE, Propser. *Carmem*. Tradução de Roberto Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2007

MESCHONNIC, Henri. *Célébration de la poésie*. Paris: Éditions Verdier, 2001

MOSÉ, Viviane. *Pensamento chão: poemas em prosa e verso*. Rio de Janeiro:Record, 2007

MURAT, Michel. *Le coup de dés de Mallarmé*. Paris: Éditions Belin, 2005

NANCY, Jean-Luc. *L'intrus*. Paris: Édition Galilée, 2000

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006

ORTEGA, Jose & GASSET. *A desumanização da arte*. São Paulo: Cortez, 2005

PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2006

_____. *Marcel Duchamp ou o castelo da pureza*. São Paulo: Perspectiva, 1999

PEETERS, Benoît. *Paul Valéry, une vie d'écrivain*. Paris: Les impressions nouvelles, 1989

PIETSCH LIMA, André. *Ritmologia*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

_____. *Mallarmé la politique de la sirene*. Paris: Hachette Littératures, 1996

RB Jérôme Bel. *Textes et entretiens*. Divers - catalogue exposition Roland Barthes 11.2002. Disponível em: <http://www.jeromebel.fr/textesEtEntretiens/detail/?textInter=divers%20-%20catalogue%20exposition%20roland%20barthes>

RILKE, Rainer M. *Cartas sobre Cézanne*. Tradução Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006

RIMBAUD, Arthur. *Uma temporada no inferno*. Tradução de Paulo Hecker Filho. Porto Alegre: L&PM, 2006

ROSAY, Madeleine. *Dicionário de ballet*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1965

SARDUY, Severo. *Escrito sobre um corpo*. São Paulo: Perspectiva, 1979

SASPORTES, José. *Pensar a dança, a reflexão estética de Mallarmé a Cocteau*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da moeda, 2006

SAUVAGNARGUES, Anne. *Deleuze et l'art*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006

SERRES, Michel. *Genese*. Paris: Bernard Grasset, 1975

_____. *Variações sobre o corpo*. Tradução de Edgard de A. Carvalho e Marisa P. Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. *Os cinco sentidos: Filosofia dos corpos misturados*. Tradução Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

_____. *Ramos*. Tradução de Edgard de A. Carvalho e Marisa P. Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008

STEIN, Gertrudes. *Paris França*. Tradução Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

_____. *Três vidas*. Tradução Vanessa Barbara. São Paulo: Cosac Naify, 2008

SIBONY, Daniel. *Le corps et sa danse*. Paris: Éditions du Seuil, 1995

SIGNORILE, Patrícia. *Paul Valéry, philosophie de l'art*. Paris: J. Vrin, 1993

SYLVESTER, David. *Entrevistas com Francis Bacon*. São Paulo: Cosac & Naify, 1995

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

STAIGER, Emil. *Conceitos Fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997

TAVARES, Gonçalo M. *Livro da dança*. Lisboa: Assírio&Alvim, 2001

TELLES, Lygia Fagundes. *As horas nuas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999

_____. *Antes do baile verde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

TADEU, Tomaz & CORAZZA, Sandra & ZORDAN, Paola. *Linhas de escrita*: Belo Horizonte: Autêntica, 2004

TREVISAN, Armindo. *A poesia, uma iniciação à leitura poética*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: Uniprom, 2001

VALÉRY, Paul. *Ouvres*. Tome 1, Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1957

_____. *Ouvres*. Tome 2, Paris: Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1960

_____. *A alma e a dança e outros diálogos*. Tradução Marcelo Coelho. Rio de Janeiro: Imago, 2005

_____. *Degas dança desenho*. Tradução Christina Murachco e Célia Eivaldo. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2003

_____. *Varietades*. Tradução Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2007

_____. *Alphabet*. Édition établie, présentée et annotée par Michel Jarrety. Paris: Librairie Générale Française, 1999

AUTORA

Angélica Vier Munhoz é graduada em Pedagogia, com Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e estágio doutoral (Capes) na Université Paris VIII. Professora titular da Universidade do Vale do Taquari - Univates/Lajeado/RS, no qual também integra o corpo docente do Programa de Pós-graduação, Mestrado e Doutorado em Ensino e Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Exatas. Coordena o Grupo de pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM), junto ao CNPq. É coorganizadora dos livros Currículo, Espaço, Movimento: notas de pesquisa (2016); Observatório da educação - vol. 1, 2 e 3 (2014, 2016, 2017); Diálogos na Pedagogia: coletâneas, vol. 1, 2 e 3 (2012). Atua na área de educação com ênfase em currículo, aprendizagem, corpo e dança e Filosofia da diferença.

Editora:



Projeto Editorial:



COREOGEOGRAFIAS

Autora:

Angélica Vier Munhoz

Editoras: CANTO - Cultura e Arte

Edição: 1 (2017)

ISBN: 978-85-69802-07-5

Formato: A5 (14 x 21 cm); Acabamento Brochura com orelhas; Miolo em preto e branco; Papel Couche 90g; Capa Colorida; Nº de páginas 140

www.canto.art.br

TEXTO DAS ORELHAS

Eis aqui um corpo que não encontra sua medida. Um corpo em um atletismo um tanto louco, pelo qual se estende e distende na busca pelo infinito de si mesmo. Um corpo, portanto, que toma a atopia como divisa, mesmo sabendo que a única vida possível é o seu presente: justamente isto que o afecta aqui e agora. Nesse sentido, faz-se necessário devorar: Bach, Cage, Bizet, Bausch, Bell, Bataille, Bellmer, Mallarmé, Valéry, Degas, Paris, o Butô e tantas matérias outras, com as quais um estilo não apenas de escrita, mas também de vida, é delineado: a fome de tudo como programa para a construção de uma estética da existência a partir da qual está na potência dos encontros a condição para a experimentação, o traçado e a afirmação de novas posturas. Em tempos em que a diferença

constituente do outro, do ainda não pensado, parece configurar uma dimensão no mais das vezes intransponível, tal compromisso ético e poético já seria suficiente para garantir à Angélica e a suas coreogeografias o direito à palavra. No entanto – e aqui peço licença para indicar precisamente onde meu corpo é tocado pelo texto –, o valor maior que subjaz a essa coleção de encontros parece residir numa espécie de clarividência um tanto trágica que se pode construir instante após instante por Angélica inventariado, e que nos torna capazes de sentir, não sem dor, que um corpo é sempre um eu e um outro, e que é justamente por essa equação inexata que se faz possível aprender que nesse jogo (que por outros termos chamamos vida), o ser tocado é necessariamente o estar só.

Cristiano Bedin da Costa

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-69802-07-5



9 788569 802075